



CONCEITO BÍBLICO DE
VISÃO PROFÉTICA PARA OS
CRENTES DO SÉCULO XXI

PROFETAS E VISIONÁRIOS



JUAN CARLOS
ESCOBAR

RECOMENDAÇÕES



Ante a desenfreada busca por visões que tragam riqueza, êxito e segurança efêmeros, Juan Carlos Escobar, pastor obediente ao mover do Espírito Santo, introduz-nos, com uma leitura ágil e fresca, na visão profética fundamentada nas Sagradas Escrituras.

O livro traz os fundamentos para a regulamentação do profetismo, fazendo com que o extraordinário possa tornar-se em sua vida um processo ordinário, relevante e transformador. Você será confrontado com o desafio de assumir uma nova dimensão em sua vida, à qual, sem dúvida, o Espírito Santo deseja elevá-lo já.

— DR. JESÚS CARAMÉS

Reitor da Faculdade de Teologia AD

É um privilégio poder recomendar este livro por duas razões fundamentais: a primeira é o conhecimento pessoal do pastor Juan Carlos e seu ministério. A segunda é a importância do tema tratado na atualidade da Igreja, bem como a profundidade e seriedade na abordagem do mesmo. Vivemos tempos em que se faz necessário lançar luz a esses temas, e quão maravilhoso é poder fazê-lo à luz da Palavra de Deus. Damos graças a Deus pelo esforço de Juan Carlos nestas páginas e oramos para que leve os leitores a conhecer mais a vontade de Deus nestes assuntos de vital importância nestes tempos.

— EV. CARLOS ANNA CONDIA

Ministério Mensagem de Salvação, Argentina

Em *Profetas e Visionários*, você vai encontrar exposto com brilhantismo o conceito de visão. É o plano, o desenho pelo qual Deus revela o futuro. É a ponte invisível que conecta o presente com seu futuro em Deus.

— MAURICIO E ELIZABETH GUIDINI

Pastores fundadores de “O Caminho da Cruz”, Porto Rico

Este livro é uma autêntica expressão da vida e do ministério do

seu autor. Recomenda-se o presente livro aos que apreciam escritos que tratem de temas bíblicos de grande relevância e, em cujas linhas, podem-se detectar um forte fundamento bíblico, profundidade teológica e enfoque contemporâneo.

— JUVENIL PEREIRA

Pastor, Presidente do Conselho Fiscal da Convenção
Catarinense e membro do Conselho Administrativo da CPAD.

O CONCEITO BÍBLICO DE
VISÃO PROFÉTICA PARA OS
CRENTES DO SÉCULO XXI

PROFETAS E VISIONÁRIOS



Juan Carlos Escobar

Traduzido por Marcos Pereira

1ª Edição



Rio de Janeiro
2016

Todos os direitos reservados. Copyright © 2016 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em espanhol: *Buscadores de Visión*
Editorial Patmos, Miami, FL. 33169

Primeira edição em espanhol: 2016

Tradução: Marcos Pereira

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento
Adaptação de Capa e projeto gráfico: Elisangela Santos
Editoração: Elisangela Santos
Produção de ePub: Cumbuca Studio

CDD: 253 - Liderança
ISBN: 978-85-263-1421-4

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 - Bangu – Rio de Janeiro - RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: Agosto/2016
Tiragem: 3.000

DEDICATÓRIA



À minha esposa Fiona, mãe exemplar e companheira fiel no ministério, com quem tenho compartilhado o preço das decisões próprias da visão dada por Deus. Aos meus filhos: Ezequiel, Juan Mateo, Carlos, Felipe e Sara. Eles são fruto da promessa de Deus e companheiros inseparáveis de um caminho visionário ao que têm sabido responder quais filhos exemplares. Ao Dr. Jesús Caramés, que foi estímulo fiel na escrita do trabalho final de minha licenciatura, base do presente livro. Ao amigo professor Jesiel Paulino, que tem sido constante e sincero em me animar a escrever sobre a visão profética. A todos aqueles com quem temos compartilhado, nestes anos de trajetória ministerial, o desejo de fazer da Palavra de Deus nossa máxima fonte visionária e profética.

Juan Carlos Escobar
Madrid, outono de 2015

PRÓLOGO I

A obra *Profetas e Visionários: O conceito bíblico de visão profética para os crentes do século XXI*, de Juan Carlos Escobar Carrasco, é um estudo sobre a questão do futuro para o cristão de hoje. Deus se revelou a si mesmo nas Escrituras como ser pessoal e imanente; dentre os vários atributos comunicáveis e incommunicáveis, neles atua, galardoa e castiga; sente, ama e odeia; pensa e arrazoia; adverte, julga e se comunica com criaturas inteligentes. Ele não deixou o ser humano à deriva no mar da vida, e sua voz soa na terra desde os dias de Adão até os dias atuais. O pecado afastou toda a humanidade do seu Criador, mas Ele nunca a abandonou, proveu meios para continuar a comunicação interrompida pela Queda no Éden. Quando Adão e Eva pecaram, ambos trataram de se esconder da presença de Deus: “E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim” (Gn 3.8). Do próprio Deus, surgiu a iniciativa de comunicar-se com Adão e Eva mesmo depois de eles haverem pecado, e Ele nunca deixou de manter contato com os descendentes do homem, os seres humanos, “muitas vezes e de muitas maneiras” (Hb 1.1).

A forma da comunicação divina varia de acordo com cada dispensação, mas Ele nunca deixou de se comunicar com seus servos ao longo da história do seu povo. O Salmo 19 afirma que Ele fala de maneira silenciosa, pelas coisas criadas, pela Palavra e pelo testemunho pessoal dos crentes. Deus ordenou a Moisés que construísse um tabernáculo no deserto do Sinai porque Ele queria habitar no meio dos filhos de Israel: “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Ex 25.8). Deus nunca esteve só. Desde a eternidade passada, as três pessoas da Trindade se relacionavam e se comunicavam entre si.

Os agentes usados pelo Criador no Antigo Testamento para comunicação da sua Palavra ao povo, em Israel, são chamados na antropologia moderna de “mediadores”. São os sacerdotes e

profetas: de Deus para o ser humano e do ser humano para Deus. Esse contato é feito, às vezes, em uma só direção pelo próprio Deus, através do Anjo do Senhor, que é o mesmo Deus de Israel. Ele mesmo se fez homem, sendo em si mesmo a plenitude da revelação divina. Os apóstolos concluíram os oráculos proféticos de modo que o cânon bíblico se fechou e nada mais falta. A Bíblia é completa.

Após cerca de 400 anos de silêncio profético, aparece João Batista, o último profeta do Antigo Testamento, que fecha a sucessão profética iniciada por Moisés e Arão e recebe o nobre encargo de preparar o povo para receber o Messias e, também, apresentá-lo à nação de Israel (Mc 1.2; Lc 16.16; Jo 1.31). Via-se o fim de uma era e o início de outra para Israel e para todas as nações.

Tanto em Israel, nos tempos do Antigo Testamento, quanto na Igreja, sempre existiram os maus intérpretes dos oráculos divinos: falsos profetas e falsos apóstolos. As incertezas da vida e a insegurança sobre o futuro, tanto os grandes projetos quanto as pequenas coisas do dia a dia e demais problemas acompanham os homens desde os umbrais da história. Como encontrar solução para tudo isso? Outro ponto importante é saber a verdade absoluta. Como saber a vontade de Deus, e qual deve ser a atitude das pessoas no lar, no trabalho e na sociedade? Somado a tudo isso, há o apaixonante interesse pelo sobrenatural e pelas coisas futuras. Trata-se de coisas que nem mesmo a filosofia no passado deu conta e nem ainda a ciência moderna tem respostas para tudo isso. O Evangelho é a solução. Não obstante, muitos buscam respostas em práticas ocultistas, que são hoje atrativos para pessoas de todos os segmentos sociais.

Aqui, o autor defende que o ser humano de hoje tem as mesmas necessidades do ser humano do período do Antigo Testamento, sendo natural que queira se assegurar a respeito dos assuntos futuros. A consulta a adivinhadores, desde o passado, é prática ordinária para garantir o sucesso dos projetos e sonhos conforme o desejo de cada um. Valendo-se das limitações do ser humano, mostra que, mesmo sendo usada por Deus, a pessoa está sujeita a tentações. Quando vai transmitir a mensagem divina, o profeta, por exemplo,

aproveitando sua posição de poder, pode acrescentar palavras ao que Deus disse.

O autor alerta que é fundamental para o cristão do século XXI deixar que a Palavra de Deus produza uma visão de futuro em seu coração. Mesmo sendo servo do Senhor, é preciso estar atento para não se deixar levar pelos seus próprios interesses e, assim, desviar-se dos caminhos divinos.

Em sentido geral, define-se visão como a capacidade de prever o futuro, ter um comportamento ativo de formar que possa vencer as barreiras e conquistar o porvir. No mundo corporativo, uma das maneiras de medir o êxito é a tomada de atitude no presente tendo em vista uma previsão do futuro. Essa ação geralmente é criativa. Quando um visionário serve ao Senhor, entretanto, sua maneira de atuar e suas motivações para alcançar os resultados são diferentes. Isso porque o poder de Deus em sua vida permite que ele entenda as circunstâncias e veja além da situação presente.

O autor também explica que, na Bíblia, visão é um meio de comunicação, o modo pelo qual Deus apresenta seus planos e se revela a seu povo por meio da Palavra. A criação se torna possível porque a Palavra de Deus tem intenção ou propósito. É a Palavra que permite que o invisível possa ser visto, que seja revelado o que não se pode ver. Deus dá sensibilidade espiritual para ver o mundo. Portanto, ter visão é compreender os eventos que ocorrem ao redor e tomar decisões de modo que favoreçam não somente a si mesmo, mas também o próximo.

Escobar finaliza ensinando sobre a importância de viver na presença de Deus e ser sensível à voz divina. Ter uma rotina meramente apegada aos padrões humanos significa não entender os propósitos divinos para uma vida plena. Por isso, o cristão deve buscar a visão que vem dos céus.

Esequias Soares
Pastor, escritor, Jundiaí, SP
26 de setembro de 2015

PRÓLOGO II

“DAI VOLTAS ÀS RUAS DE JERUSALÉM, E VEDE AGORA, E INFORMAI-VOS, E BUSCAI PELAS SUAS PRAÇAS, A VER SE ACHAIIS ALGUÉM OU SE HÁ UM HOMEM QUE PRATIQUE A JUSTIÇA OU BUSQUE A VERDADE; E EU LHE PERDOAREI”

—Jeremias 5.1

Inclusive nos tempos do Antigo Testamento, quando supostamente tudo era gerido pelas disposições mosaicas, encontramos pérolas como essas. Num mundo implacável governado pela Lei de talião ^{*}, o famoso “olho por olho, dente por dente”, Deus faz uma declaração surpreendente através do profeta: o perdão existe. Ninguém vê ainda, mas já é um indício da graça, uma rosa no deserto, e não a única, certamente. Devido à incapacidade humana de satisfazer as demandas de Deus, Ele está disposto a ter misericórdia do homem, desde que este responda à inquietude que Deus colocou em seu coração e decida buscar a verdade.

Conhecer a verdade é essencial para que sejamos livres, disse Jesus em João 8.32, mas é preciso que sejamos buscadores porque o acesso à verdade não é automático, não é um gene que se traz do nascimento. Pelo contrário, há muita insensatez e distrações no caminho que nos afastam da verdade. Para encontrá-la e sermos verdadeiramente livres, é necessário que a persigamos insistentemente. Jesus disse: “Buscai e encontrareis [...] porque [...] o que busca encontra” (Mt 7.7-8).

Sendo assim, buscadores de visão; mas de qual visão? Não qualquer visão. Juan Carlos Escobar propõe, neste livro, a busca do genuíno, pois não é qualquer verdade que nos torna livres. Somente a autêntica, a que Deus nos torna livres *em* e *através* de Jesus Cristo. Ele é “o caminho, e a verdade, e a vida” (Jo 14.6). Ele é também a expressão verbal de Deus, o *logos*, a Palavra (Jo 1.1), e isso é fundamental na abordagem de um tema tão delicado quanto às

revelações: ter sempre como referência a Palavra bendita e eterna de Deus. Assim diz o próprio apóstolo Pedro (2 Pe 1.17-19), que, tendo presenciado a transfiguração de Cristo, havendo ouvido com seus próprios ouvidos aquela voz do alto, ainda assim continua se apoiando nas Escrituras e as aponta como autoridade última e definitiva sobre qualquer outra revelação.

Portanto, não se trata de um tema simples. Quando abordamos algo tão discutido como as manifestações e visões espirituais, sempre corremos o risco de cairmos nos extremos. Por um lado, tem-se a tendência de buscar de maneira doentia encontros na terceira fase ou mensagens extrassensoriais em cada esquina, como se a vida cristã consistisse exclusivamente em experiências místicas. Em uma época orientada exageradamente ao emocional, é muito fácil se deixar levar pelos excessos e excentricidades que alguns vendem como autênticos e indispensáveis para o cristão, esquecendo-se da obediência singela ao que está revelado no Evangelho. Todavia, o outro extremo consiste na negação absoluta, inclusive a demonização de qualquer revelação espiritual espontânea, como se Deus não tivesse a prerrogativa de fazer o que quer quando e como queira (Sl 135.6), inclusive falar aos seus filhos e comunicar-se com eles para edificá-los, consolá-los e exortá-los tal e como se diz em 1 Coríntios 11.4. Esse tipo de revelação é real, autêntico e, em muitas ocasiões, provê exatamente o que o cristão estava precisando e no momento preciso. Não há nada na Bíblia sugerindo que Deus não tenha o poder ou a intenção de nos abençoar com visões e revelações necessárias para este tempo, do mesmo modo que fez em Atos 11.28, revelando ao profeta Ágabo que viria uma grande fome sobre a terra, o que sucedeu nos tempos de Cláudio César; ou como avisou a Paulo, através deste mesmo homem, em Atos 21, do que aconteceria ao apóstolo em Jerusalém; ou como a visão de Ananias em Damasco (At 9.10), o varão macedônio (At 16.9), a de Cornélio (At 10.3) entre outras, todas elas revelações espirituais que aconteceram no Novo Testamento e que serviram para abençoar a Igreja de Jesus Cristo. O desafio é distinguir o genuíno do falso.

Qualquer iluminado poderia escrever sobre essas coisas movido

por uma experiência concreta; mas, para falar disso com propriedade, é necessário certa bagagem no tempo que forneça a proporção adequada e a estabilidade, sem o que a mensagem não seria crível. Juan Carlos combina esse peso com a simplicidade de uma criança, sem perder a travessura do sorriso nem o espírito incansável do buscador que continua sendo hoje em dia. Além de um servo de Deus, é também um bom amigo e companheiro de ministério. Ele entregou sua vida a Jesus Cristo aos 17 anos e, desde então, continuou pastoreando e plantando diferentes igrejas em diferentes partes da Espanha, além de realizar trabalhos evangelistas dentro do país e de outros lugares do mundo desde 1992. Atualmente, é o presidente da FADE (Federação da Assembleia de Deus em Espanha), tarefa que combina com o pastoreio da Igreja *Sendero de la Cruz*, em Madrid. Com muita razão, nos reunimos há alguns dias para compartilhar algumas preocupações doutrinárias enquanto tomávamos um café. É muito trabalho para uma pessoa só. No entanto, em minha opinião, o que o converte numa voz autorizada a abordar este tema com propriedade não são os cargos que tem, senão a trajetória de fidelidade, de equilíbrio e de perseverança que podem ser observados ao longo da sua vida. É, sem dúvida, uma trajetória exemplar e que inspira e serve de referência a muitos.

Por tudo isso, considero este livro um estudo sério e fundamentado na Palavra de Deus a todos os que desejam seguir a verdade sem tergiversações. Uma exposição simples que nos põe diante do falso e do verdadeiro, do pano de fundo histórico e da realidade atual, os substitutos e as fontes autênticas. Em poucas palavras, equilíbrio num tema tão controvertido e atual quanto este.

É meu desejo e oração que todos os buscadores da verdade encontrem, neste escrito, um guia que os ajude a permanecer no caminho, diferenciando o autêntico do falsificado. Sendo assim, este livro cumprirá seu propósito. Muito obrigado, Juan Carlos.

Marcos Vidal
Pastor, salmista

* N. do E.: O termo *talião* é escrito em minúsculo porque não é, como muitos pensam, um nome próprio; é, na verdade, apenas uma forma ou ideia de correspondência de correlação ou semelhança entre o mal causado a alguém e a pena imposta a quem o causou, resumindo-se em: tal crime, tal pena.

SUMÁRIO



Prólogo I

Prólogo II

Introdução

1 O Ofício do Profeta

O Exemplo de Moisés e Arão

Nabbi, uma Voz que Sustenta

Vendo e Fazendo Ver o que Deus Diz

2 Mediadores Pagãos

3 A Adivinhação

Formas de Adivinhação

O Profetismo e a Adivinhação

4 A Visão

Visionários

A Visão do Profeta

Formas de Visão

5 Visão Profética

Palavra e Visão

Visão e Fé

O Processo da Visão

Ver para Ver

Concebendo a Visão

Escrevendo a Visão

O Inverno da Visão

A Primavera da Visão

6 Substitutos da Visão

A Ambição

A Ilusão

7 O Impulso da Visão

A Fonte da Visão

Focalizando a Visão

Conclusão

Referências

INTRODUÇÃO



A grande demanda dos buscadores de visão e profecia nunca antes foi tão favorecida, ou talvez tão ameaçada, pela grande oferta de informação e recursos próprios de nossa contemporaneidade.

Graças a Internet, a necessidade do visionário e profético pode ser satisfeita para o inquieto explorador em busca de revelação a partir de qualquer ponto do planeta. Em qualquer aeroporto do mundo, é possível suprir uma boa dose de aconselhamento, já que é fácil encontrar livros de autoajuda para superação pessoal ou para líderes exitosos ante a competitividade voraz da pós-modernidade. Por meio da televisão, portas nos são abertas para uma quantidade farta de propostas ministeriais que, com o carisma dos ministros atuais, sempre terão uma palavra “reveladora” para os ansiosos buscadores de uma visão ou profecia.

O que se deve ter por certo é que, ao longo da história, a força do cristianismo genuíno tem sido preservada graças ao ministério visionário e profético. Desde os primórdios do cristianismo, passando pelos Pais da Igreja, durante os mil anos de obscurantismo medieval e desde o impulso da Reforma até os nossos dias, o exercício do ministério profético tem sido determinante para sustentar o baluarte da verdade diante das insistentes tendências inquisitoriais, racionalistas, legalistas e tradicionalistas que pretendem estrangular a fé baseada no fundamento da Bíblia. Diante da História da Igreja, ninguém pode questionar a importância da influência da revelação divina sobre os que foram profetas indiscutíveis da Reforma e dos avivamentos que contribuíram para uma permanente e genuína reforma da Igreja para incidir na transformação do mundo.

Após os primeiros movimentos do século XXI e depois de mais de cem anos do avivamento da Rua Azusa, podemos afirmar que a Igreja no mundo tem experimentado uma revolução global sem precedentes desde a Igreja dos três primeiros séculos de sua história. O derramamento do Espírito Santo do início do século XX propiciou a consolidação da experiência e da doutrina do batismo no

Espírito Santo, que foi tão marginalizada durante centenas de anos pelo institucionalismo conservador. Esse derramamento do Espírito Santo propiciou, ademais de todo o relacionado às mudanças de práticas e liturgias, as manifestações dos dons espirituais, os sinais, os milagres, o ressurgimento do exercício profético e visionário. Contudo, mesmo que a práxis profética tenha marcado de forma vital o destino da Igreja e seus ministérios, também é certo que alguns enfoques ou modos de interpretar o conceito profético e visionário precisam ser revistos à luz do Evangelho, a fim de assegurar e promover a busca da revelação divina e, também, salvaguardar o desempenho ministerial e a fé dos crentes de influências que confundam ou prejudiquem a abertura à necessária e indispensável experiência profética.

Em resumo, quero, por meio deste escrito, propor o que pode ser considerado uma breve análise deontológica sobre o ministério profético, ao mesmo tempo em que também é uma exortação relacionada à urgente necessidade de ordenar a visão profética como parte da vida cristã e, claro, advertir sobre alguns perigos latentes na Igreja do século XXI a respeito do tema hora em discussão.

Através do desenvolvimento deste texto, é oferecida uma breve e contundente introdução sobre a relação entre Palavra e visão, como uma unidade composta da revelação experimentada pelos profetas para conhecer a Deus, receber o chamado profético e captar sua mensagem. De igual modo, esta dimensão profética faz com que os profetas se convertam em verdadeiros interlocutores diante de Deus como alternativa genuína e única, que contrasta com os mediadores existentes diante dos múltiplos espíritos ou divindades próprias das práticas pagãs politeístas.

Após uma necessária olhada retrospectiva, desenvolvo outro importante elemento do nosso tema, que é o discernir como a visão se converterá em algo ordinário na vida das pessoas, e não uma mera experiência mística extrassensorial ou como vivência reservada apenas a alguns poucos personagens escolhidos por Deus que, na verdade, acabam sendo “visionários oportunistas” diante das crises ou necessidades das pessoas. Por isso, é uma compreensão clara do

conceito de visão e de como esta pode fazer-se real em cada crente, como servo escolhido por Deus, podendo fazer com que muitos dos excessos e desvios próprios dos nossos dias não acabem desnaturalizando ou manipulando o uso da palavra profética, que sempre virá como revelação para dar-nos uma visão clara de Deus, de nós mesmos e das circunstâncias.

Uma vez identificada a visão como parte da experiência cotidiana de cada pessoa, o presente tratado dirigirá sua atenção a como se gera a visão na vida do indivíduo e como Deus usa situações específicas para forjar em todo crente uma perspectiva profética que torna possível que o enfoque de sua vida ou ministério acabe sendo próprio do foco de uma visão. Igualmente, tem de se tornar evidente que nem sempre quando se é portador de uma visão tem-se a garantia de ausência de conflitos. De fato, quem tem uma visão de Deus normalmente participa de um processo no qual é posta à prova sua fé no que Deus prometeu que faria, bem como sua fidelidade à mensagem recebida, até esperar que a noite passe e chegue o esperado amanhecer que, infalivelmente, será o tempo do cumprimento da mensagem gerada e da visão crida.

Definitivamente, quero insistir com o leitor sobre a necessidade de discernir entre as ideias sutis que trabalham na mente do homem moderno, produto da pressão exagerada de êxito, e o que é uma correta visão dada por Deus através da mensagem de sua Palavra. Não saber discernir certos enfoques visionários tem levado muitos cristãos a ir atrás de projetos ambiciosos ou ilusórios que tem acabado prejudicando suas vidas, famílias e ministérios. Contudo, a Igreja não pode renunciar a fortalecer sua identidade visionária e profética. Pelo contrário, ela deve assumir seu lugar com determinação, fazendo resplandecer a luz própria da sua essência¹ em meio a uma sociedade patética e enferma de um humanismo que, no caso da História, pretende colocar-se como o maior dos perigos que ameaçam o cristianismo. Por conseguinte, definitiva e contundentemente, ante um maior abuso do âmbito da revelação divina, é oportuno que se manifeste uma urgente ação profética e visionária da Igreja fruto da revelação íntima do único Deus

verdadeiro, que ama a humanidade e deseja resgatá-la do caos da visão rebelde do inimigo da salvação do homem.

1“Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte [...] Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras [...]” (Mt 5.14-16).

O OFÍCIO DO PROFETA



Ao abordarmos o ofício do profeta, encontraremos uma relação estreita entre palavra e visão. É indivisível a função de ser vidente e portador da palavra. O profeta sempre será visionário, já que, no desempenho do seu trabalho, fará com que os receptores de sua mensagem alcancem uma compreensão divina do presente e, também, fará com que se perceba o futuro sem as incertezas que ocasionam o devir daqueles que, ignorando a profecia, vivem alheios aos desígnios de Deus e, portanto, se convertem em títeres das circunstâncias temporais ou, o que poderia ser pior, acabam sendo vítimas da manipulação dos multiformes oráculos dos falsos profetas ou iluminados de plantão.

Para uma maior compreensão da relação entre profeta e vidente, farei referência a três termos hebraicos que se referem, de forma especial, ao profeta do Antigo Testamento. Ainda que, com mais empenho, eu me refira ao que talvez seja o vocábulo mais importante: nabbi. Esse termo comumente se traduz “profeta” mais de 300 vezes nas Escrituras hebraicas. A ideia básica do significado de nabbi é: “alguém que fala em lugar de Deus”; o nabbi foi necessariamente estabelecido para transmitir a mensagem de Deus.

O Exemplo de Moisés e Arão

Para assegurar o sentido do termo, podemos citar algumas passagens exemplares. A primeira que mencionarei se refere ao momento em que Arão é denominado profeta de Moisés e, por sua vez, Moisés seria Deus para faraó (Êx 7.1). Esse texto se torna perfeitamente inteligível quando, após muitas objeções a Deus por parte de Moisés sobre sua capacidade de falar, Deus põe a Arão “por boca de Moisés”, dizendo: “E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus” (Êx 4.16). Dessa forma, podemos dizer que Arão se converterá numa espécie de reprodutor ou replicador da voz que originalmente Moisés recebe diretamente de Deus, sem que ele possa nem minimamente torcer o sentido original da mensagem. A pureza da mensagem fica assegurada pela fidelidade de Arão a Moisés e deste a Deus, pelo que não há fissura possível na transmissão da mensagem.

Temos nesse exemplo, por conseguinte, a expressão mais simples para descrever a função do profeta: “quem fala no lugar de outro”. Implica que Arão não podia ceder a nenhuma chantagem ou pressão por parte de Faraó para ser intimidado, nem tampouco deveria mostrar presunção alguma ante o espaço de privilégio que ocupava qual porta-voz do profeta de Deus; quando se trata de ser mensageiro de Deus, a ênfase está em ser fiel ao que Deus diz e não se deixar levar pelas pressões circunstanciais, seja as exigências atuais da sociedade ou o que o cenário de incertezas futuras pressiona ao porta-voz de Deus para que diga. O compromisso do mensageiro com a palavra é proporcional à fidelidade do mensageiro a Deus.

Precisamente, nesta primeira acepção, já podemos fazer uma comparação do ofício do profeta em sua essência mais pura, representado por Arão e Moisés, com o que, em tantas ocasiões, vem a ser a escassa representatividade da prática do profetismo atual, por causam de quem, chamando-se profetas, convertem em anedota a prática profética que, em muitas ocasiões, vem a ser própria do jogo de cenários oportunistas diante de pessoas que buscam satisfação dos caprichos pessoais. Ou, o que é pior, quando o mensageiro acomoda a mensagem ao interesse próprio, seja qual for a razão. Lamentavelmente, estamos falando de uma prática de uns tempos claramente refletidos no que disse o apóstolo Paulo, ao mencionar portadores da mensagem divina que se confabulam ou cedem ante uma sociedade cuja gente tem “comichão nos ouvidos” (2 Tm 4.3); ou seja, são dados a ouvir segundo seus próprios desejos. Tristemente, isso acaba se tornando uma tendência comum em nossos dias, onde se faz do exercício da proclamação da Palavra de Deus, sobretudo nas sociedades consumistas, uma prática populista ou agradável que procura mais agradar às massas do que fazer valer a mensagem da verdade de Deus. De fato, é lamentável que cada vez mais assistamos a um consumismo “evangélico”, no qual muitos cristãos se inclinam a buscar o que lhes faz sentir bem, e não exatamente o que agrada a Deus. O que digo é perfeitamente comprovável quando verificamos que o desejo de ser popular transformou a muitos mensageiros em profetas de comércio, que pagam para ser

ouvidos e cobram para ser escutados.

Nabbi, uma Voz que Sustenta

Uma segunda passagem exemplar para compreender o termo *nabbi* se acha em Deuteronômio 18.15-22. Trata-se de uma referência à promessa dada a Moisés sobre o profeta que Deus levantará no lugar dele e uma contraposição às distintas formas de adivinhação mencionadas nos versículos anteriores. Deus é contundente quando adverte ao povo a marcar uma linha de separação radical diante das nações que povoavam a Terra Prometida. A razão que justifica a contundência divina na admoestação de que não se misturem às nações pagãs se estriba na devoção delas a uma religião perversa e uma idolatria alimentada pelos demônios, expressas pelos adivinhos da terra, que traria como última consequência desviar o povo da verdadeira adoração e, logo, da obediência aos desígnios divinos (Dt 7.4).

Todos os deuses da Terra Prometida rendiam culto a distintas divindades relacionadas às forças da natureza, fertilidade, colheitas e prosperidade. A visão de futuro dessas nações estava condicionada pela superstição de vidências de além-túmulo, impregnada de um temor terrível dos deuses, que fazia com que as pessoas ficassem presas a pactos que incluíam sacrifícios cruéis, bestiais e promíscuos, que colocavam um alto preço à prosperidade e à suposta salvação dos seus praticantes. Frente a esse politeísmo próprio dessas nações pagãs, Deus quer que seu povo fuja dessas práticas dando culto ao Deus único e verdadeiro, que, mediante sua Palavra, marcou o destino e a visão de um povo escolhido por amor, e não por ser um povo melhor que os demais povos da terra. Deus deseja que seu povo não se esqueça da relação direta existente entre a prosperidade e a fidelidade à Palavra. Justamente, Deus declara que a palavra do *nabbi* sustentará o povo, e não o pão da terra, o que é fruto da benção do céu. “E te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas que de tudo o que sai da boca do SENHOR viverá o homem” (Dt 8.3; Mt 4.4). Definitivamente, a palavra que sai da boca de Deus alimentará os que nela confiam, e essa palavra se converterá em uma visão

centrada nos sentidos e valores divinos expressos em seus mandamentos. O profeta, pois, tem a grandiosa tarefa de fazer com que o povo não se esqueça de quem o tem sustentado e quem será garantia de um futuro de provisão. Não resta dúvida de que essa concepção da palavra traz uma visão marcada por total dependência da provisão divina, em contraposição à superstição idolátrica em todas as suas formas e também a soberba de quem, esquecendo-se de Deus, acaba considerando que suas forças e sua sabedoria lhe deram o que tem (Dt 8.11-14).

Nesta mesma linha, outras passagens que claramente expõem o significado de *nabbi* encontramos em relação a Isaías: “Vai, e dize a este povo” (Is 6.9). O Senhor também diz a Jeremias: “Aonde quer que eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar dirás” (Jr 1.7). A Ezequiel Deus diz: “[...] Eu te envio aos filhos de Israel [...] e lhes dirás” (Ez 2. 3,4). Dessa forma, atendendo à sucessão profética exigida por Deus e anunciada por Moisés em Deuteronômio 18, vemos que a essência do *nabbi* se mantém nos profetas do Antigo Testamento. O verdadeiro profeta deve abrir o caminho diante daqueles que vendam os olhos com vendas mágicas que provocam uma visão distorcida de Deus e fazem da provisão uma moeda de troca, ao oferecer um punhado de cevada e pedaços de pão para serem caçados em pleno voo atrás de uma visão vã (Ez 13.17-23).

Abundando neste conceito de *nabbi*, o vocábulo se complementa perfeitamente com a raiz *nabha*, que significa “borbulhar ou fluir”. Portanto, profetizar traz também o sentido de falar sob o impulso de uma fonte interior que borbulha, salta. Como disse Jesus: “Quem crê em mim [...] rios de água viva correrão do seu ventre” (Jo 7.38), referindo-se ao Espírito Santo o qual receberiam os que nEle cressem. Por isso, a ênfase da plenitude do Espírito Santo tem uma conotação profética: fazer brotar de dentro para fora a mensagem dada por Deus. As palavras de Jesus estão dirigidas aos que estão sedentos e precisam ser sustentados.

Mas, ao mesmo tempo, os que recebem o Espírito Santo não têm necessidade de buscar sustento fora da fonte, do manancial. Jesus disse à mulher de Samaria: “Mas aquele que beber da água que eu

lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (Jo 4.14). Se essa é uma clara referência ao derramamento do Espírito Santo, então é evidente que todo crente cheio do Espírito Santo será *nabbi*; sua vida será um constante borbulhar de vida, palavra e visão que fará diferença em meio à sequidão.

É assim que o profeta Jeremias se refere ao povo que, abandonando a fidelidade à mensagem profética, acaba se apartando da verdadeira fonte, decidindo buscar sustento para si mesmo em cisternas quebradas e impotentes para lhe garantir um futuro de provisão. No entanto, a água que querem acumular não pode ser retida (Jr 2.13), pelo que vem a seca, a pobreza e a escravidão aos poderes mesquinhos que manipulam a provisão e repartem mal a riqueza no mundo, gerando injustiça e miséria nas nações. As potências idólatras sempre manipularam as provisões injustamente; e o povo de Deus, quando se afasta da mensagem divina, também se torna vítima da usura de uma visão condicionada pela necessidade. Dessa forma, Israel faria alianças equivocadas com nações que o desviariam da verdadeira adoração e do sentido de ser povo para se tornar escravos daqueles que ofereciam comida em troca de subordinação.

Podemos afirmar que sempre que o povo de Deus se afasta da fidelidade à mensagem, perde a visão. E também que, sempre que o profeta é infiel à mensagem, desvia a visão e faz o povo perecer; que sempre que uma visão está condicionada pelo sustento ou a necessidade, esse tipo de visão empobrece a visão. Nunca esqueçamos que, sempre, a Palavra sustentará a visão e que a visão sustentará o mensageiro e a quem receba a palavra do mensageiro. Há galardão de profeta para quem recebe um profeta na qualidade de profeta (ver Mt 10.41).

Vendo e Fazendo Ver o que Deus Diz

Quero fazer referência a outros dois termos para profeta, traduzidos como “vidente”. Um é *ro’eh*, e o outro é *hozeh*. Ambos são usados muito menos que o termo principal *nabbi*. A palavra hebraica *Ro’eh* aparece em 12 ocasiões. *Hozeh* é utilizada 18 vezes; a raiz de ambas destaca o sentido de “ver”. Portanto, a ideia fundamental que quero destacar consiste na capacidade que se outorga ao profeta de poder visualizar a vontade de Deus. Isso pressupõe um enfoque revelacional na capacidade de o profeta escutar a voz de Deus. Por conseguinte, o oposto a essa capacidade de ver é a cegueira própria de quem, tendo olhos, não vê, já que se trata do âmbito do oculto aos sentidos humanos e é necessário que Deus tire o véu do mundo espiritual e se dê a conhecer.

Podemos observar que, em 1 Samuel 9.9, está dito expressamente: “[...] Porque ao profeta de hoje antigamente se chamava vidente”. A ideia é que quem, nos tempos de Samuel, era chamado “vidente” (*ro’eh*) veio a ser chamado “profeta” (*nabbi*) quando foi escrito o primeiro livro de Samuel. É preciso, no entanto, considerar que o uso da palavra não mudou a função do profeta. O que, sim, podemos deduzir é que, embora *ro’eh-hozeh* fizesse referência à recepção da mensagem, o termo *nabbi* se enfocaria na comunicação da mensagem.¹ Portanto, trata-se da mesma função profética baseada na importância da fidelidade tanto na recepção quanto na transmissão da mensagem.

As duas ênfases dos termos aludidos nos convidam a refletir sobre o cuidado necessário para que o profeta seja fio condutor, sem corrupção, da voz divina. Na verdade, Deus adverte que o profeta que falar presunçosamente em seu nome prestará contas com sua vida: “E será que qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu o requererei dele. Porém o profeta que presumir soberbamente de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não tenha mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, o tal profeta morrerá” (Dt 18.19-20). Foram exatamente essas palavras de Deuteronômio que foram proferidas por Moisés no contexto de mostrar a Israel a necessidade do profeta, para que o

povo não se desvie atrás das palavras dos encantadores, dos agoureiros, dos adivinhos e dos magos próprios das nações. Porém, o interessante dentro do que temos dito é que Moisés se mostra como profeta exemplar para garantia do verdadeiro profetismo: “O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis” [...] “E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o SENHOR conhecera face a face” (Dt 18.15; 34.10). Esse nível de revelação manifesto pela expressão “face a face” indica que Moisés foi fiel a Deus em saber levar a Deus a voz do povo, esperar ouvir a resposta de Deus em sua presença e levar dita resposta como conselheiro certo ao povo, para que o povo vivesse seguro e prosperasse (Êx 18.19-20; cf. 2 Cr 20.20).

¹ WOOD, Leon. *Los profetas de Israel*. Michigan: Outreach Publications, 1979, pp. 59-64.

MEDIADORES PAGÃOS



Os povos antigos sempre consideraram necessária a mediação porque sempre creram que os deuses tinham a intenção de se comunicar com os homens. Para essa comunicação, tem-se acreditado, desde os tempos ancestrais, que os deuses escolhiam pessoas específicas para uma interposição, que eram o que hoje na antropologia moderna poderíamos qualificar de mediadores. Até mesmo quando houvesse uma comunicação divina mais direta, como no caso dos sonhos, era necessário um especialista para poder interpretar.

Ao analisar o contexto bíblico, observamos que existiam mediadores que podiam ser aceitos e outros que representavam perigo para o destino do povo. No caso dos intermediários proibidos, dá-se a conhecer a Israel quem era conhecido entre os povos como terciários que praticamente eram religiosos. No caso dos filisteus, existiam sacerdotes e adivinhos (I Sm 6.2). Entre os babilônios, eram magos, agoureiros, adivinhos e astrólogos (Is 44.25; 47.13). Em alusão aos egípcios, além dos já mencionados agoureiros ou adivinhos, se mencionam os feiticeiros (Is 19.3).

É evidente que, desde o ponto de vista social, esses personagens não somente eram vistos negativamente, como também eram imprescindíveis na vida cotidiana, política e militar. Todos os componentes da sociedade eram dependentes desses interlocutores diante dos deuses, para poder orientar o futuro, que lhes era sempre algo incerto. Assim, precisavam saber a respeito de suas relações, investimentos ou guerras. Tratava-se de uma sociedade impregnada de superstição e espiritualidade. Somente quando a revelação do Deus uno irrompe em Israel e revela sua Lei é que se adverte do perigo dos mediadores que são uma ameaça ao discernimento da verdadeira vontade de Deus.

Israel estabelecerá diferença importante ante os mediadores da época. A religião de Israel denunciará a mediação destes interlocutores entre Deus e os homens por considerá-la inválida:

“Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem

agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamentos, nem quem consulte a um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR; e por estas abominações o SENHOR, teu Deus, as lança fora de diante de ti” (Dt 18.10-12).

Contudo, apesar da denúncia dessa prática popular, o Deus de Israel não nega a necessidade de mediadores. Existem fortes evidências bíblicas de que o Senhor levantou para si intermediários autorizados diante do Deus verdadeiro muito antes da chegada dos falsos profetas. Por exemplo, as Escrituras mencionam Enoque, dizendo:

“E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos, para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade que impiamente cometeram e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele” (Jd 14,15).

Também é dito em Gênesis 5.22-24: “E andou Enoque com Deus, depois que gerou a Metusalém, trezentos anos e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias de Enoque trezentos e sessenta e cinco anos. E andou Enoque com Deus; e não se viu mais, porquanto Deus para si o tomou”.

Portanto, parece evidente que, à medida que a geração pós-diluviana aumentava, foram inventadas novas formas de adorar e se comunicar com o divino, e o Senhor tomou a iniciativa de levantar intermediários autorizados. Estes promulgavam com exatidão as palavras do Deus verdadeiro em contraposição ao surgimento de um politeísmo composto de uma multidão de deuses, os quais representavam todas as forças da natureza e dos apetites sensuais dos seus seguidores.

“Havia dois grandes intermediários aos quais qualquer pessoa podia recorrer: o sacerdote e o profeta. Por outro lado, Deus podia estabelecer contato com nosso mundo através de um

intermediário misterioso, seu ‘anjo’, que se apresenta a quem Deus quer e de modo imprevisível. Podemos dizer que o anjo é um intermediário em sentido único, de Deus ao homem, enquanto o sacerdote e o profeta o são nos dois sentidos: de Deus ao homem e do homem a Deus”.¹

O que chegamos a corroborar é a realidade antropológica de que, por um lado, existe a necessidade humana inata de transcender até a realidade de um ser superior que rege o destino do ser humano, tornando-se imprescindível o conhecimento de sua vontade. Por outro lado, está a indubitável realidade de que o mundo espiritual deseja transcender no destino do ser humano e, para tanto, está à vontade expressa de dar-se a conhecer.

Definitivamente, a revelação do Deus da Bíblia fará com que se estabeleça uma grande diferença no tocante ao mundo espiritual que quer intervir na vida do homem. O mediador que busca conectar o homem à divindade e o destino consequente da prática religiosa que se realiza. Essa diferença ficou estabelecida por milênios na cultura e tradição dos povos até ficar evidente que não é o mesmo destino para o povo cujo Deus é o Senhor. Tal diferença se acentua naqueles povos, regidos por deuses ou ídolos (inclusive os disfarçados de santos), que intervêm na vida privada e pública das pessoas, que ficam aprisionadas pelo obscurantismo espiritual próprio da fé desligada de Deus, ou seja, a superstição.

Os mediadores, com o passar dos milênios, continuam sendo parte da vida das pessoas na medida em que estas não são autossuficientes nem afetivamente nem, muito menos, espiritualmente. É inato na vida do homem depender de ouvir uma voz que o guie na busca da felicidade. Só que, diferentemente do profeta de Deus, o mediador de cada época não leva em conta a condição espiritual das pessoas, preocupando-se apenas com a satisfação temporal, evitando o realmente transcendente. Na verdade, o mediador exercerá uma função meramente paliativa dos sofrimentos das pessoas para satisfazer suas demandas temporais, evitando o chamado claro ao arrependimento, já que a causa capital e transcendental dos males que o

ser humano padece é o afastamento de Deus e, concretamente, o pecado.

¹ SICRE, José Luiz. *Profetismo en Israel*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1992. p. 68.

A ADIVINHAÇÃO



Ao considerar o tema da *visão profética*, não há dúvida de que devemos nos expor à necessidade de analisar a busca de uma visão por meio daquelas pessoas ou meios que facilitem a aquisição daquilo que o homem, por si mesmo, não pode achar. A falta de visão por parte das pessoas lhes conduz a uma busca alternativa de caráter visionário procedente do âmbito divino e que possa garantir êxito futuro mediante a libertação, na maioria dos casos, dos males presentes.

A vida temporal do ser humano gira ao redor de quatro aspectos: saúde, dinheiro, trabalho e amor. Assim, a felicidade e a prosperidade dependerão do êxito que se tenha em alcançar esses aspectos tão necessários à vida. O destino dependerá de como conseguimos tornar reais os sonhos ou planos, sejam eles mais ou menos grandiosos. Manter latentes os sonhos é próprio de quem tem esperança e, por isso, desfrutará de uma segurança interna que resultará na estabilização de suas emoções e pensamentos.

Saber o que fazer é uma necessidade própria da natureza humana. Na verdade, desde que nascemos, somos dependentes de direção. Até mesmo os que conseguem ser autossuficientes em sua maneira de projetar-se à vida acabam evidenciando que são dependentes do poder antecipar o que será deles diante de determinadas decisões. Assim, vemos que a história nos faz lembrar, de diversas formas, como tomarmos decisões diante de certos acontecimentos em razão da capacidade de “prever” o futuro.

Por exemplo, os generais romanos consultavam as entranhas de suas vítimas antes de entrar em batalhas. Tudo isso além do envolvimento em todo um aparato próprio do panteão greco-romano que inspirava um grau de misticismo e ritos além-túmulo extremamente sombrios. No caso de muitos exemplos da Primeira e Segunda Guerra Mundial, os meteorologistas eram vistos como “adivinhos” para poder decidir o momento de uma batalha. Porém, na história recente, e até mesmo em nossos dias, até o mais racional e engenhoso dos nossos poderosos empresários convivem com tendências próprias de quem depende da luz que trazem as doze constelações e, por isso, a indispensabilidade da consulta ao horóscopo.

O certo é que, desde os tempos mais remotos até o momento da nossa presente pós-modernidade, o homem não é capaz, por mais capacidade lógica e científica que possua, de ficar só no enfrentamento das incertezas da vida. Todos buscam, de uma ou de outra forma, um mundo diferente através dos deuses, espíritos, santos, virgens, bruxos, astros, feiticeiros ou videntes. No tocante às subjeções de Israel, as religiões estavam bem estruturadas, e a maioria estava dominada pela crença na influência dos espíritos dos antepassados, que eram aqueles que podiam transmitir informações valiosíssimas e desejadas. De forma que as práticas de espiritismo e outros ritos de além-túmulo se fazem latente desde o início da existência do homem a partir do momento em que este se separa de Deus.

A palavra latina para adivinhação é *divinatio*. Refere-se ao mundo sublime do divino. A palavra hebraica *qasam* é a que aparece na Bíblia para descrever o que seja adivinhar ou praticar a adivinhação.

“Cognatos deste vocábulo aparecem em aramaico tardio, em copta, siríaco, mandeano, etíope e arábico, bem como a língua de Palmira. A raiz hebraica aparece trinta e uma vezes no texto bíblico: onze como verbo, nove como particípio e onze como nome. A adivinhação era o paralelo pagão da profecia: “Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro [...] porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o Senhor, teu Deus, não permitiu tal coisa. O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis” (Dt 18.10,14-15, primeiro uso do termo). O termo *qasam* se refere ao ato de buscar a vontade dos deuses a fim de conhecer suas ações futuras ou ter sua benção para alguma ação proposta (Js 13.22). É possível que os adivinhadores conversassem com demônios (1 Co 10.20). Em certos casos, a prática de adivinhação envolvia ofertas e sacrifícios sobre um altar a uma divindade (Nm 23.1ss). Através de um buraco no

chão, o adivinhador se comunicava com os mortos (1 Sm 28.8). Ou então atirava flechas, consultava ídolos domésticos e estudava os fígados de animais mortos (Ez 21.21).¹

Formas de Adivinhação

Focando no campo bíblico, podemos analisar resumidamente formas de adivinhação dentro de dois grandes blocos: as derivadas de meios técnicos ou externos (areia, fenômenos da natureza, vísceras de sacrifícios...) e aquelas formas mais próprias da clarividência ou do xamanismo que se exercita em estado de êxtase.

Descreveremos algumas dessas formas para entender certas práticas que, com o passar dos anos, foram se filtrando ou diluindo no cristianismo popular e que acabaram sendo aceitas pelo sistema institucional. Ou seja, à medida que o cristianismo folclórico e popular foi se implantando em diferentes lugares, ele vai forjando tradições sem destruir os costumes dos povos. Muito pelo contrário, através do sincretismo religioso e cultural, os povos “cristianizados” vêm mantendo seus ritos ancestrais e supersticiosos que facilitarão a assimilação da nova religião.

A *rabdomancia*. Prática de lançar paus ou flechas que, ao cair, davam a entender certos presságios pela posição em que caíam (Ez 21.21).

Os *terafins*. Uma prática ocultista baseada em imagens possivelmente de pequeno tamanho de falecidos que eram consultados (1 Sm 15.23; Ez 21.21; Zc 10.2).

A *hepatoscopia*. De novo, em Ezequiel 21.21, vemos outra prática comum da época: observar o fígado, inclusive outras vísceras, para observar alguma forma de mal.

A *necromancia*. Forma de adivinhação baseada na consulta aos mortos por meio de um médium possuído por um espírito familiar (Dt 18.11; 1 Sm 28.8; 2 Rs 21.6; Lv 19.31; Is 8.19-20; 1 Cr 10.13).

A *astrologia*. A contemplação dos astros e planetas; seus movimentos e constelações que modelavam e prediziam o futuro (Is 47.13; Jr 10.2).

Os *sonhos*. Não há referência direta a que alguém buscasse

adivinhação por sonhos. No entanto, fala-se deles em relação aos falsos profetas.²

Analisando certas práticas ao redor da adivinhação, podemos determinar que era e é o oposto ou substituto da visão profética. A razão é que o ser humano buscava conhecer e controlar o mundo e o futuro deixando de lado o Deus verdadeiro em contraposição ao que era uma verdadeira submissão à soberania de Deus (Dt 18.14).

A adivinhação e a profecia se tornaram mais complexas quando se converteram em prática sincretista própria da nossa sociedade, mas que se desenvolveu nos tempos de Israel. Vemos isso no caso de Balaão, o qual, tendo fama entre os pagãos, também reconhecia o Deus de Israel (Nm 22.18). Ele aceitou dinheiro por seus serviços e deu uma mensagem “à la carte”. Mesmo assim, Deus o confrontou, e ele mudou de atitude, aceitando a comissão dada por Deus (Nm 22).

O Profetismo e a Adivinhação

Vimos como a adivinhação se tornou necessária para o homem diante da possibilidade de perceber acontecimentos futuros não perceptíveis por meios naturais ou normais.

Em alguns momentos, é mostrado que o profeta possui certa clarividência, sem que isso signifique aprovação divina (Mq 3.5-7,II; cf. Ez 13.6-7). É muito confuso quando o povo de Israel é dirigido por um profetismo prostituído por causa dos interesses de profetas que eram postos diante dos interesses do povo. A perversão da profecia é grave e condenatória, já que a fé do povo no mediador é motivo de total codependência que os conduz a uma fé cega e dirigida à desobediência aos desígnios de Deus. Por isso, Deus tem de ser taxativo ao proibir a utilização da adivinhação e dos encantamentos, até chegar ao grau máximo de condenação e juízo aos que desviam o povo da vontade de Deus (Lv 19.26; Dt 18.9-14; 2 Rs 17.17; 21.6; 1 Sm 6.2; Is 44.25; Ez 21.21-24).³

Por trás dessa alusão ao profetismo e à adivinhação, acha-se a necessidade de revisar as tendências naturais dos seres humanos e que são parte da fraqueza do profeta. Porque, por mais mediador que precise ser, não deixa de estar exposto a tentações próprias de quem exerce uma influência de poder em quem por ele tem um respeito proveniente de sua função profética.

Alguns fatores contemporâneos que conduzem ao sincretismo entre o exercício do profetismo e a adivinhação são os seguintes:

Igrejas carentes de cristãos com bases firmes de discipulado. A falta de ensino em muitos cristãos provoca carência de fundamentos e valores que permitam certa autonomia no desempenho da sua fé. Ante a falta de fundamento, abre-se espaço a se olhar para aquilo que o satisfaça em primeira instância. Isso se deve à intensidade com que a sociedade nos impõe e que leva a muitos a buscar alimentar-se apenas esporádica e rapidamente e, em muitas ocasiões, de maneira indireta, por meio do rádio, da Internet e da televisão. A oferta atual existente na maioria dos meios de comunicação faz com que a mensagem seja mais direcionada à captação de crentes para ministérios próprios do que para o Reino de Deus. Portanto, o

contato com as pessoas se produz pela simpatia gerada por quem, de forma superficial, promete aquilo que suas congregações e seus “profetas” locais não lhes faz ver nem sentir.

O lugar onde se vive esta tendência de “turismo evangélico” com maior intensidade são as grandes cidades, onde floresceu todo tipo de igreja que oferece uma projeção eclesiástica baseada na satisfação de qualquer necessidade por meio de uma exposição do evangelho focalizada nas necessidades urgentes mais do que na importância do transcendente.

O dito anteriormente se deve ao ambiente hedonista presente na sociedade moderna e que impregnou a um setor da cristandade. A ideia surgida com Protágoras, quatro séculos antes de Cristo, de que o homem é a medida de todas as coisas, ressurgiu atualmente destacando o prazer como a meta mais imediata, o princípio capital e o fim de todo homem. Nessa linha de pensamento, vemos como a palavra hedonismo, que vem do grego *hedoné*, “prazer”, destaca o prazer pelo prazer e aponta para a teoria de que o homem está sujeito à soberania do instante. Por conseguinte, as verdadeiras causas dos atos humanos numa sociedade hedonista são o instinto e a paixão.⁴

Como resultado, isso acaba transcendendo no âmbito das prioridades e do compromisso. Embora continue existindo a preocupação com o futuro, ela é diminuída intuitivamente no momento em que se vê satisfeito mediante uma ação profética que atenua o sentido de responsabilidade por nossos atos e a consequência dos mesmos. Assim, de forma sutil, a experiência esporádica e pontual acaba adormecendo a necessidade de enfrentar o verdadeiramente transcendental.

A consequência imediata dessa tendência cristã/hedonista significará a busca intuitiva de uma experiência na qual Deus fala e o profeta abençoa. Dessa maneira, garante o futuro mediante a promessa da ação divina baseada numa graça sobredimensionada, ou melhor, diminuída. Tudo tem a ver com um enfoque visionário ou profético sobre o que, no momento, se busca, e não sobre o que o futuro traz sem a existência de arrependimento. O apóstolo Paulo já

tinha visto esse gérmen social dentro do cristianismo quando disse: “Se os mortos não ressuscitam [...] comamos e bebamos porque amanhã morreremos” (1 Co 15.32).

Tal tendência humanista fica bem configurada dentro do nosso atual pós-modernismo, no qual tudo ocorre de forma passional, intuitiva, rápida, egoísta e idólatra, tal como se pode ver em Colossenses 3.5-7. Ademais, o sentir-se bem e o olhar é algo que não passa por alto diante das exigências da sensualidade. Esta é como um monstro devorador de prioridades, princípios e valores que busca unicamente satisfazer a um homem interior que se transformou num deus cujo abastecimento é muito caro. Portanto, não se conforma com o humilde e espiritual, deseja abraçar o êxito e o tangível, uma vez que isso será visto como sintoma de prosperidade dada por Deus.

Assim, na verdade, a busca da benção vem precedida pelo conformismo a um estilo de vida. De maneira que, contanto que o “profeta” fale bem sobre o presente e faça com que o futuro fique garantido mediante pactos sobre o “altar” que garantam a sustentabilidade da felicidade, fica patente que são primordialmente de caráter econômico com os que pactuam com a palavra do profeta, ou sobre um voto em troca de uma benção. Ao comparar essa atitude com a tendência dos povos em busca do adivinho ou do agoureiro que lhes prediga o futuro, observamos que há uma linha muito tênue que deve nos levar à reflexão sobre a maneira como muitas vezes se produz uma cumplicidade entre o receptor da mensagem ou visão e o portador da “boca de Deus”. Dito de outra maneira, certos cenários próprios dos tempos pós-modernos são sintomáticos da carência de fundamentos, tanto no exercício do profetismo quando do culto, por parte do povo que busca a Deus.

Posto isso, cabe ao profeta ser fiel a sua missão, colocando-a acima dos interesses dos que o pressionam para que seja cumprida uma determinada necessidade. O profeta recebe de Deus a ordem: “Vai e profetiza” (Am 7.15; Is 6.9). O pregador ou profeta tem de introduzir na sua mensagem o chamado “ouvi a palavra do SENHOR” (Is 1.10). A consciência do profeta de que a palavra não é

dele, senão de Deus, o levará a ter cuidado com o conteúdo e com a forma da mensagem. De fato, ao contrário dos falsos profetas, os profetas ou videntes de Deus sempre receberão e transmitirão fielmente a mensagem. “Mas, se estivessem no meu conselho, então, fariam ouvir as minhas palavras ao meu povo, e o fariam voltar do seu mau caminho e da maldade das suas ações” (Jr 23.22). Isso pode implicar que, inclusive, o profeta prefira sofrer em vez de fugir da responsabilidade de falar a Palavra de Deus (Jr 20.8; 23.9; cf. Is 50.4).⁵

¹ VINE, W.E. *Diccionario Expositivo*. Editorial Caribe, 1999, p. 20.

² DOUGLAS, J. D. *Nuevo Diccionario Bíblico*. Quito, Ediciones Certeza, p. 18.

³ DOUGLAS, J. D. *Nuevo Diccionario Bíblico*, p. 18.

⁴ MONROY, Juan Antonio. *Dios en Busca del hombre*. Terrassa, Editorial Clie, pp. 62, 63.

⁵ SCHMIDT, Werner H. *Introducción al Antiguo Testamento*. Salamanca, Editorial Sígueme, p. 218.

4
A VISÃO



Ter uma visão é ter a capacidade de antecipar o futuro, porém não numa perspectiva passiva, o que nos daria a entender que visionar é adivinhar, já que isso não nos levaria à dimensão de construtores do futuro ou geradores de história. De fato, em geral, os portadores de visão sempre serão os que não esperam que o futuro se lhes apa-
reça, senão os que se atrevem a conquistá-lo.

Tanto no campo da fé quanto no secular, ter uma visão nos leva a desfrutar uma dimensão criativa do futuro. O distintivo de um visionário ligado a uma fé depositada em Deus, em comparação com o que vive desligado da fé, determinará não somente o resultado, mas também as formas, já que será o reflexo das motivações que impulsionam cada ser humano a traçar sua história pessoal ou construir família, projetos, ministério ou qualquer empreendimento que se preze.

Visionários

Enciclopédias e dicionários definem a expressão “ter visão” como a capacidade de ver além daquilo que os olhos podem perceber. É antecipar, sonhar, imaginar, criar... estabelecer metas que acabarão concentrando todo o nosso potencial para alcançar o que se visualizou.

“A visão define as metas que pretendemos alcançar no futuro. Essas metas têm que ser realistas e alcançáveis, posto que a proposta de visão tenha um caráter motivador e inspirador”.¹
“Ninguém triunfa sem a paixão de criar futuro, e é nessa paixão que encontramos nossos maiores desejos e a força necessária para alcançá-los. Uma VISÃO define e concretiza nossas metas, permitindo-nos visualizar antecipadamente a imagem exata do nosso êxito.”²

A pessoa que tem uma visão se converte num visionário ou visionária. Independentemente da conotação que se queira dar, já que esta dependerá do contexto no qual se utilize o termo “visionário”, não resta dúvida de que estamos falando de uma pessoa que pode crer em coisas impossíveis, embora algumas vezes sejam quimeras

ou imaginárias.³ Mas também um visionário é uma pessoa que se antecipa ao seu tempo ou chega a ser capaz de ter visão de futuro.⁴

Um ótimo exemplo de portador de visão é o de Harley-Davidson. Através de uma série de iniciativas estrategicamente coordenadas, Harley-Davidson foi capaz de revolucionar sua oferta de produtos e construir para si uma nova identidade. No processo, ele renovou sua visão e reorientou suas energias, melhorando a qualidade, a produtividade e as relações com seus colaboradores. Ele também estendeu sua marca a negócios afins e tornou-se líder de uma indústria. Ao perseguir uma visão que entusiasmou clientes e colaboradores, voltou a estabelecer-se como uma das companhias mais dinâmicas dos Estados Unidos. O caso de Harley-Davidson serve para comprovar que, quando a visualização se emprega como ferramenta estratégica para libertação das limitações do passado, pode ser fonte de uma mudança transformadora.⁵

O conhecido conferencista cristão Dr. Myles Monroe expressou muito bem a importância do ser portador de uma visão e como os visionários se convertem em protagonistas de mudanças e transformações que foram determinantes para a história:

“As nações nasceram e se desenvolveram através do poder de um líder visionário. Os anais da história se encontram impressos com a evidência da força criadora, desafiadora de tradições, que é a visão. Os avanços sociais, econômicos, arquitetônicos, médicos, científicos e políticos, assim como todos os avanços, devem sua concepção e nascimento ao poder da visão. Qualquer nação que se encontra presa a uma etapa do passado, sufocada pelas tradições das experiências passadas e sepultada na cova dos velhos triunfos, está condenada a morrer. A visão é a chave para abrir as portas do que foi, do que é, para poder projetar-nos a terra do que se pode fazer e chegar a ser, e que ainda não existe. A visão liberta das limitações que os olhos vêem e permite acesso à liberdade de tudo aquilo que o coração pode sentir. É a visão que torna visível o invisível e faz com que o desconhecido se torne possibilidade.

“A visão inspirou aos exploradores que deram voltas em todo o globo terrestre e começaram a criação e expansão de muitas nações que conhecemos hoje. A visão transformou o mundo que dependia da agricultura em um mundo industrializado. A visão fez nascer milhares de invenções nos últimos séculos, os quais transformaram nossas vidas... A visão é a energia do progresso”.⁶

O mundo empresarial é consciente da necessidade de líderes visionários. De um lado, a captação desses visionários é uma prioridade, dado que o futuro empresarial depende da capacidade de inovação e de antecipação às criações de outros, para estabelecer a prioridade de uma invenção que traga ganhos milionários.

A inspiração de um visionário está baseada na oportunidade que se abre diante de uma crise ou necessidade. Definitivamente, o visionário dá à luz uma ideia que responderá a uma necessidade, que será plenamente realizável e que se converterá em agente de mudança capaz de modelar costumes; e mais ainda, quando a ideia se encarrega de gerar futuro, ou seja, progresso. Portanto, a ideia é uma visão que se transformará em projeto, o projeto se transformará em empreendimento, e o empreendimento se tornará uma conquista do futuro.

Além da capacitação de líderes visionários, está claro que fomentar o âmbito motivacional se converteu num grande negócio. Mais do que nunca, capacitar as pessoas para que se tornem verdadeiros visionários é parte de um mundo que traz grandes dividendos. São muitas as empresas que dedicam grande parte do orçamento na formação dos seus colaboradores a fim de torná-los visionários e, portanto, capazes de se sobrepôr à rotina dos labores cotidianos ou aos desafios próprios da indústria e comércio diante da pressão duma exigente competitividade.

Daí que se proliferaram os *coachs*. O vocábulo *coach* é um anglicismo que remete à figura de um treinador que se converte em um verdadeiro motivador para que os receptores do seu treinamento captem a visão da empresa que lhes contratou, para que possam

alcançar as metas de produtividade baseadas na otimização dos recursos humanos e materiais existentes, além de implementar uma forte consciência de equipe, de modo que todos abracem uma visão coletiva e abandonem a ociosidade e também a visão personalista que desgasta o impulso da equipe.

“Todo bom líder-coach contribui com a efetividade de seus seguidores. Ou seja, ajuda-lhes a alcançar os desejos profundos do coração e as resoluções da vontade. Em liderança, tomar responsabilidade significa estabelecer certos assuntos e levá-los a cabo. Para isso, é possível identificar quatro momentos ápices ou progressões que fazem parte essencial do processo de avanço do treinamento de liderança para a efetividade. Podemos resumir assim essas quatro progressões: Da visão à meta, da meta ao sistema e do sistema ao êxito.”⁷

Após adentrarmos concretamente ao conceito de visão e visionário, podemos deduzir que os princípios que sustentam uma visão não são apenas aplicáveis, em sua grande maioria, à Igreja, senão que, ademais, os melhores fundamentos para o impulso de uma visão se acham na vivência cristã.

A Visão do Profeta

As visões eram um meio de comunicação divina indispensável para dar a conhecer os planos de Deus ao seu povo e, antes, fazê-los compreensíveis ao vidente ou profeta. A importância das visões na vida dos profetas fica evidenciada nos textos que reiteradamente expressam a contemplação de uma visão.

“Visão de Isaías” (Is 1.1; 2.1). “[...] se abriram os céus, e eu vi visões de Deus” (Ez 1.1). “As palavras de Amós [...] o que ele viu a respeito de Israel” (Am 1.1). “Visão de Obadias” (Ob 1). “Palavra do Senhor que veio a Miqueias [...] a qual ele viu sobre Samaria e Jerusalém” (Mq 1.1). “O peso que viu o profeta Habacuque” (Hc 1.1).

Também se faz perceptível a relação entre os tempos de decadência em Israel e a falta de visão: “não havia visão manifesta” (1 Sm 3.1). Quando Samuel é chamado por Deus, a situação de Israel evidenciava escassez de visão profética, manifestada na lâmpada de Deus que estava prestes a se apagar.

É importante à linha de pensamento defendida neste estudo observar que o primeiro encontro que Deus tem com Samuel é por meio de uma visão (1 Sm 3.7; cf. 3.15). Porém, a visão era importante não apenas para os profetas do Antigo Testamento, como também é significativa no âmbito escatológico. Por exemplo, Joel 3.1 se refere às visões como sinais próprios do derramamento do Espírito Santo na vida dos jovens.

No tocante ao que os profetas veem, nem sempre eles veem algo diferente do que qualquer ser humano percebe: um ramo de amendoeira, uma panela de fogo, um cesto de figos... No entanto, esse dado visual para o profeta deve supor uma percepção mais profunda da realidade. Ou seja, que Deus está pondo diante do profeta uma realidade que, diante dos olhos ordinários, não pode ser percebida, a não ser que Deus dê uma percepção distinta e transcendente. Jeremias, por exemplo, é chamado por Deus para ir à casa do oleiro para contemplar a roda que modela a argila. Ao obedecer e observar, testemunha os contratempos que a obra de argila sofre nas mãos do

seu criador. Como resultado, um simples lance rotineiro se transforma em mensagem profética: “Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel?” (Jr 18.6).

Assim, pois, Deus utiliza a vida real como base mais importante para dar a conhecer sua mensagem ao profeta. Esse é o caso da visão da vara de amendoeira, da panela fervendo e dos frutos maduros. Também, em muitas ocasiões, os objetos assumem dimensões simbólicas, irrealis, como no caso dos quatro chifres (Zc 1.18), o castiçal e as oliveiras (Zc 4.1-6) ou o rolo de dez por cinco metros que voava (Zc 5.1-4). Talvez a maior revelação do Antigo Testamento e também com maior número de detalhes seja o modelo que Deus mostrou a Moisés do tabernáculo para que fosse copiado e construído (Êx 25-31).⁸ Esse poderia ser o exemplo máximo de algo revelado por Deus por meio de visão no Antigo Testamento.

Formas de Visão

Nem sempre se consegue determinar a linha divisória entre o que seja um sonho/transe ou visão. A palavra hebraica *hazon* provem de uma raiz usada para descrever a experiência de um vidente que tem uma visão a partir de um estado extático (Is 1.1; Ez 12.27). A outra palavra é *mar'a*, da mesma raiz de “ver”, significando uma visão por meio de uma revelação (Nm 12.6; 1 Sm 3.15).

A ênfase está na experiência que os profetas recebiam por terem sido escolhidos como receptores de uma sensibilidade especial da parte de Deus para compartilhar seus planos e revelar sua mensagem a todos os homens (Jr 1.11; Dn 2.19; At 9.10; 16.9; cf. Sl 89.19; At 10.3).²

Independentemente da forma pela qual Deus falava aos profetas, eles estavam absolutamente convencidos de que eram depositários de uma mensagem de Deus. Embora as experiências com as visões sejam diferentes, o conceito de visão abarca todo tipo de ilustração profética, podendo se referir tanto à percepção de um objeto externo quanto a uma imagem interna.

Pode-se estabelecer que são três as formas possíveis que Deus adota para se comunicar com os homens. Por exemplo:

- **Corporal.** Quando Moisés viu a sarça ardendo no deserto, ou quando Abraão viu os três homens em pé (Êx 3.3; Gn 18.2)
- **Imaginativa.** Quando Deus evoca a imaginação do profeta para captar imagens internas (Is 6.1-13).
- **Intelectual.** Quando a comunicação se dirige ao âmbito da inteligência (Gn 15.1; 1 Sm 3.1-21).

Contudo, numa visão podem estar presentes as três formas ou cada uma independente. ¹⁰

¹

<http://robertoespinosa.es/2012/10/14/como-definir-mision-vision-y-valores>
(20 de maio de 2014).

²

<http://robertoespinosa.es/2012/10/14/como-definir-mision-vision-y-valores-en-presencia/> (20 de maio de

2014).

³ LAROUSSE, Nueva Enciclopedia. *Tomo décimo*. Barcelona, Editorial Planeta,

P. 10337.

⁴ <http://lema.rae.es/drae/?val=visionario> (10 de maio de 2014).

⁵ HSM Management, ISSN 1888-0118, N.º. 6, 2008 , págs. 76-81 (21 de maio de 2014).

⁶ MUNROE, Myles. *Los Principios y el Poder de la Visión*. New Kensington: Whitaker House, pp. 11, 12.

⁷ <http://recursosparalideres.blogspot.com.es/2013/01/las-4-pro-siones-delcoaching-de-la.html> (20 de maio de 2014).

⁸ SICRE, José Luis. *Profetismo en Israel*. Estella, Editorial Verbo Divino, 1992.p. 101-102, 107.

⁹ NUEVO DICCIONARIO BIBLICO. Barcelona: Editorial Certeza, 1991. p. 1420.

¹⁰ ENCICLOPEDIA DE LA BIBLIA. Barcelona: Ediciones Garriga, S.A., 1963. p. 1240.



Palavra e Visão

Ninguém pode negar que estamos na era das comunicações, e mais ainda, das ideias. Saber transmitir uma ideia é ser bom comunicador. Ao mesmo tempo, essa ideia deve responder a uma necessidade para que a comunicação tenha propósito ou, no mínimo, interesse para quem escuta, vê ou lê.

Vemos um mundo virtual em que a imagem se sobrepõe às palavras. Daí que tudo seja intuitivo e funcione na base da simbologia ou da imagem, mas que, definitivamente, não substitui as palavras, senão que as representa.

Comunicar não é só dizer palavras. Não é só questão de ter um grande vocabulário, senão de que este seja instrumento para as emoções que, certamente, darão fluidez e tom adequados. Ao mesmo tempo, é preciso acertar o tempo com a expressão para que a comunicação não sofra atrasos, ou seja, intempestividades. É o que acontece quando acumulamos informações e não sabemos administrá-las. Como resultado, frustramos a comunicação e o propósito da informação. Seria realmente um despropósito.

Sem palavras, a comunicação não é possível. Não importa se esta é escrita, falada ou figurativa. Por sua vez, o objeto da comunicação pretende sempre produzir uma ação dirigida a afirmar ou provocar mudanças de atitude. Por conseguinte, a palavra deve ser dinâmica, acompanhada de vida, criatividade, propósito e não somente transmissora de letra. Dito de outra maneira, deve haver intencionalidade para provocar reação ou cumprimento. “Assim será a palavra que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia; antes, fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a enviei” (Is 55.11).

Desde o princípio, Deus usou a palavra. Cada ato criador foi precedido da expressão “E disse Deus” (Gn 1.3,6,11,20,24,26,29). Agora, embora a palavra tenha sido o instrumento executor, ela foi precedida de um plano previamente concebido, visionado pelo Artífice da criação. É difícil determinar que Deus fez o universo do nada. O nada é um conceito que se distancia do âmbito da visão de Deus e, portanto, da sua criatividade inata. A Palavra de Deus

sempre obedece a uma visão que, por isso mesmo, responde a uma intencionalidade ligada a seus propósitos.

Cada vez que aparece o termo *bará* nas Escrituras, traduz-se “criar” (Gn 1.1,21,27). Igual às demais passagens do Antigo Testamento, não significa que Deus leve a cabo sua criação a partir do nada. Porém, tampouco se aproxima do conceito babilônico de que a matéria existiu com Deus desde a eternidade. A única coisa que existe com Deus desde a eternidade é a Palavra (Jo 1.1); o verbo feito carne e, sem Ele, “nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). “Tudo foi criado por ele e para ele” (Cl 1.16). “Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas” (Rm 11.36).¹ Por conseguinte, o nada nunca existiu em Deus; não faz parte da eternidade. Contudo, sempre existiu a Palavra e, portanto, sempre houve uma visão que sustentou a Palavra, posto que não é possível que a Palavra provoque ação criadora sem que responda a uma visão que dê propósito a ela. Assim, podemos determinar que a Palavra responde à visão para responder a um propósito, e a visão depende da Palavra para ser executada.

Um texto que fortalece a ideia do que estamos dizendo se encontra em Hebreus: “Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hb 11.3). Não obstante, o que não foi visto se via, apesar de invisível.

O termo *logos* que João usa para descrever o Verbo (Jo 1.1-14), está sendo usado para expressar sua natureza e ofício. A palavra é o que revela. O ofício da palavra é dar a conhecer Deus a suas criaturas. “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer” (Jo 1.18). Assim sendo, o Filho, como revelador de Deus, é a Palavra, o Verbo.

No *logos*, estava a vida (Jo 1.4), a vida está escondida nEle. Mas a vida do Verbo é “a luz que alumia a todo homem” (Jo 1.9). De maneira que o que João estabelece é que o Verbo torna possível a vida intelectual e espiritual do homem. O *logos*, como a luz, resplandece nas trevas (Jo 1.5) que inundam o mundo no qual Jesus faz morada para que vejamos “sua glória, como a glória do Unigênito do Pai” (Jo 1.14). Pelo que o *logos*, ao manifestar-se, torna possível aos

homens ver ou visualizar o Deus invisível mediante a manifestação do Verbo.² Ou seja, o Verbo nos faz ver o escondido e o inacessível ao olho humano e à natureza humana.

Como derivação do que expressamos neste capítulo, está claro que Deus usa a Palavra como canal de comunicação, neste caso, o Verbo. Definitivamente, vem a ser o mesmo, posto que, para Deus, a Palavra sempre existiu como veículo de comunicação e conhecimento dos seus desígnios pelos homens. Não somente isso, mas também toda a criação é sustentada pela Palavra.

“Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da Majestade, nas alturas; feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles” (Hb 1.1-4).

Na esteira do que dissemos sobre o Verbo e sua clara implicação na revelação do invisível, torna-se evidente que não é possível a visão do escondido sem a Palavra.

Quando Deus se revela a Habacuque, Ele faz o profeta ver uma realidade que se tornara cotidiana. Contudo, ante ela, o profeta não pode esconder seu olhar. “O peso que viu o profeta Habacuque. Até quando, SENHOR, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritarei: Violência! E não salvarás? Por que razão me fazer ver a iniquidade e ver a vexação? Porque a destruição e a violência estão diante de mim; há também quem suscite a contenda e o litígio. Por esta causa, a lei se afrouxa, e a sentença nunca sai; porque o ímpio cerca o justo, e sai o juízo pervertido” (Hc 1.1-4). Deus está fazendo ver o estado do seu povo, onde a corrupção e a usura se tornaram tão fortes até ao ponto em que a lei se enfraqueceu e a justiça se corrompeu. Mas o determinante é que Deus não quer que simplesmente se observe o

estado do que aparentemente está acontecendo. A pretensão divina é que o profeta veja a profecia. “Por que razão me fazes ver a iniquidade e ver a vexação” (v.3). A intenção de Deus é, precisamente, que a visão divina nos aproxime da realidade do povo, não dando as costas ao sofrimento dos que são vítimas da corrupção, da injustiça e da violência. Habacuque significa, em uma das suas possíveis acepções, “abraço”. Ao relacionar isso com o que Deus o chama a perceber, fica claro que o profeta não pode ignorar o estado dos que sofrem e esperam o compromisso do profeta. O profeta deve ser alguém que abraça o povo. De igual maneira, a visão não é alheia às circunstâncias daquele que se presta a ser um profeta coerente com seu ofício e com a revelação que recebeu. Pelo contrário, a visão também abraça o povo. A visão chega para trazer esperança e dar propósito a cada situação pela qual atravessam os que colocaram sua confiança em Deus.

O que é evidente é que a Palavra sempre traz visão. Jesus mesmo dá o exemplo: “Atendei ao que ides ouvir” (Mc 4.24). É possível poder ver o que se ouve? Essas palavras de Jesus estão precedidas a uma referência à lâmpada (v. 21) e à revelação de coisas secretas (v. 22). De maneira que, quando Jesus está usando a palavra, sua intenção é iluminar as mentes para que possam compreender a verdade de Deus. Jesus, no entanto, percebia que muitos padeciam de uma grave incompreensão. Ele observava que a muitos lhes faltava capacidade para ouvir porque seus ouvidos se tornaram insensíveis por causa dos preconceitos, dos seus desejos e de uma capacidade de pensar enfraquecida.³

Do ponto de vista científico, não se pode ver na ausência da luz. Esta permite que o olho visualize o mundo exterior e processe a imagem. A cegueira acontece porque o olho, ou o cérebro, estão impossibilitados de perceber a luz e, portanto, não processam imagem alguma, não existindo visão. Da mesma forma acontece, também, quando a Palavra penetra nos ouvidos, chega ao cérebro e provoca uma imagem. A Palavra sempre se associará a uma imagem, e a Palavra se transforma em imagem no cérebro. Da mesma forma, a Palavra de Deus é luz que produz visão no coração humano.

Sempre que Deus falar, Ele o fará permitindo que vejamos o que Ele está dizendo. Inclusive, a voz profética nos permitirá alcançar o futuro, realizar um sonho, abraçar um desejo para, depois, tornar-se num projeto com metas determinadas. Definitivamente, podemos afirmar que a Palavra sempre trará visão profética ao homem rendido à vontade de Deus.

Visão e Fé

O que faz com que uma determinada visão se torne profética depende de dois aspectos claramente diferentes:

- Uma visão profética tem sua origem na revelação de Deus.
- Uma visão profética tem como objeto satisfazer a vontade divina.

O que Deus dá sempre abraça o futuro. Há uma relação direta entre o que Deus diz e o que nós conseguimos ver. Na verdade, estamos falando a respeito da fé. “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não veem” (Hb 11.1).

“A fé tem a ver com as coisas futuras (que se esperam) e as invisíveis (que não se veem). A tradução Reina Valera (constância nas coisas que se esperam) enfatiza a fé como expressão da nossa confiança nas promessas de Deus. Não obstante, é também possível traduzir “a fé é a substância (hipóstases) das coisas esperadas” ou “a fé dá substância a nossas esperanças”. Tal tradução sugere que as coisas que se esperam chegam a ser reais e a ter substância pelo exercício da fé. Uma vez mais, a fé é estar seguro dos fatos que não se veem. É a forma de ‘provar’ as realidades invisíveis, tais como a existência de Deus, sua fidelidade a sua Palavra e seu controle sobre nosso mundo e o que ocorre nele.”⁴

O termo fé vem da palavra grega *pistis*, que significa: firme persuasão, convicção baseada no que é ouvido (relacionando-se com *peitho*, persuadir).⁵ Esse é o tema de Hebreus, onde a fé se relaciona com o ver, ou seja, a capacidade para visualizar as promessas de Deus. Pelo que se fez possível que os chamados heróis da fé pudessem dar bom testemunho, apesar de não ver externamente o que abraçavam interiormente.

É importante ressaltar a ênfase de que receber é algo mais que escutar. O que Deus fará somente é possível caso se receba a

Palavra. “A fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10.17). A importância que tem essa expressão de Paulo nos remete ao que Jesus manifesta a respeito da importância do ouvir que, num sentido mais literal, tem a ver mais com escutar. No sentido original do termo, a referência é mais à ação de prestar atenção e não somente perceber o som da palavra (Mt 11.15; 13.9,43; Mc 4.9,23; Lc 8.8; 14.35; Ap 2.7,11,17,29; 3.6,13,22; 13.9).⁶

Martinho Lutero explicava a passagem de Romanos 10.17 fazendo referência ao contexto e afirmando a verdade de que ninguém pode crer sem ouvir. Em latim, a palavra para ouvir é *auditus* como equivalente à palavra *auditio* (percepção da palavra ouvida). Portanto, a palavra anunciada é de índole tal que ninguém pode percebê-la sem que seja ouvida e crida.⁷ Não basta apenas perceber o som; a palavra tem que ser implementada, arraigada.

O apóstolo Tiago afirma:

“Sabeis isto, meus amados irmãos; mas todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não opera a justiça de Deus. Pelo que, rejeitando toda imundícia e acúmulo de malícia, recebei com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar a vossa alma. E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra e não cumpridor, é semelhante ao varão que contempla ao espelho o seu rosto natural” (Tg 1.19-23).

É evidente que Paulo relaciona a reação do homem em precipitar-se para falar como alguém que perdeu o controle sobre as circunstâncias por causa de uma atitude incrédula. A incredulidade sempre gerará impotência e frustração, pelo que, em muitos casos, resultará em uma ação irada frente ao futuro ou ante a incapacidade de ver além do que os olhos naturais podem ver.

No tocante à tendência referida pelo apóstolo Tiago sobre não se precipitar à fala, enfatiza o poder de captar uma visão divina por meio da mensagem, antes de “derrapar” no discurso próprio. Sempre, os receptores da mensagem da palavra poderão encontrar

esperança para o futuro, o que resultará em uma manifestação sossegada que terá como fruto a manifestação da justiça de Deus. Dito de outro modo, é uma ação que manifesta as obras da luz para que os homens, ao verem a ação da fé, testemunhem como resposta à ação da palavra, busquem a Deus, tal como Jesus expressa em Mateus 5.14-16.

Outro aspecto a considerar é que, para que se produza a fé, a palavra deve ser implantada e lançar raízes. Do contrário, não provocará a ação que levará o receptor à obediência sem reservas, ou também, a uma vida de fé baseada na esperança que provoca a visão de futuro que a promessa de Deus oferece. Mas é indispensável, para que a Palavra se enraíze, que os ouvintes tenham uma disposição adequada.

É imprescindível rejeitar toda imundícia e malícia. Ao se falar de rejeitar, quer-se referir à ação de despojar-se, desvestir-se, mudar de atitude ou, de forma ilustrativa, “mudar de pele”. Rejeitar é a palavra grega *aphotemoni*. Essa palavra sugere uma ruptura total com tudo o que é contrário à vontade de Deus. De maneira que o conceito aponta para a necessidade de desfazer-se do que seja tampa para os ouvidos. Assim se descreve o termo no original grego para “imundícia”: *rupanía*, de *rupos*. Trata-se de um termo médico para a cera que tapa o ouvido. Pelo que, está se fazendo referência a tudo o que obstrui o ouvido espiritual e, daí, que impeça a assimilação e implantação da palavra. Acerca da abundância de malícia, a palavra grega é *katia*, impiedade. A maldade, não importando quão pequena seja, não deixará de ser um estorvo para perceber a Palavra.⁸

Os ouvintes devem receber a Palavra com mansidão, em grego *praytes*. A mansidão reflete uma atitude ensinável e, por isso, humilde. Ao mesmo tempo, quem recebe a Palavra com mansidão não tem ressentimentos com a verdade quando esta fere, condena ou corrige. Sobretudo, o conceito de mansidão se ajusta ao sentido de submissão devida, pelo que se predispõe a que a Palavra por parte do receptor seja obedecida.⁹ Tampouco admite preguiça e está pronto para admitir aprendizagem, sem postergar a resposta a um momento interessado por parte do ouvinte. Caberia destacar que o

receptor que observa esta atitude também descreve um controle e conquista de tudo o que impede ver, aprender e obedecer à verdade. No livro de Atos dos Apóstolos, podemos observar uma referência aos que eram de Bereia, sobre sua atitude ao receber a Palavra. São chamados de nobres por receberem a Palavra com dedicação (At 17.11). A nobreza fez deles receptores capazes de ter a Palavra implantada. De igual modo, o texto bíblico assinala que se dispunham não somente a serem ouvintes passivos, como também se dedicavam a comprovar que o exposto correspondia ao que estava nas Escrituras, embora não para contender, e sim para confirmar a fé.

O que vemos, definitivamente, por meio do impacto ou enraizamento da Palavra na vida do ouvinte é que se produz uma mudança de orientação na sua atitude diante de Deus e, consequentemente, diante da vida. Em certa ocasião, Jesus recebeu um oficial do rei cujo filho estava à morte. Sem necessidade de que Jesus fosse à casa do oficial, bastou a palavra: “Disse-lhe Jesus: Vai, o teu filho vive. E o homem creu na palavra que Jesus lhe disse e foi-se” (Jo 4.50).

A ênfase no crer abre a comporta ao espaço de uma visão diferente da circunstância. Nada havia mudado, o oficial não viu mudança na ordem natural, mas estava consciente de que algo aconteceu ao perceber a palavra. Algo foi implantado em seu coração e provocado mudança de atitude, ao mesmo tempo que um resultado por meio da fé: a cura do filho na mesma hora em que o homem creu. A palavra implantada produzirá fé e resultados: “E os que recebem a semente em boa terra são os que ouvem a palavra, e a recebem, e dão fruto, um, a trinta, outro, a sessenta, e outro, a cem, por um” (Mc 4.20; cf. Is 55.10-11).

O Processo da Visão

“Ainda veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Que é que vês, Jeremias? E eu disse: Vejo uma vara de amendoeira. E disse-me o SENHOR: Viste bem; porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir” (Jr 1.11,12).

Esses dois versículos do livro de Jeremias resumem o tema central de todo o livro: o cumprimento inevitável dos propósitos do juízo de Deus contra Judá e contra as nações.

O chamado de Deus sobre a vida de Jeremias implicava um alto preço a pagar. Seu desenvolvimento ministerial se verá ligado às visões que ele recebe neste primeiro capítulo, onde seu chamado também é esboçado. Semelhantemente a Moisés, Jeremias também tratou de evitar o chamado de Deus com argumentos de incompetência; neste caso, referido à sua juventude. Mas o certo é que, provavelmente, ele tinha consciência do que significava seu chamado. Porém, era inevitável e, nos anos seguintes, ele afirmou como a mão de Deus era sobre ele (Jr 20.7). Contudo, o Senhor o coloca diante de uma nação que não tinha intenção alguma de receber a palavra do profeta e resistiria crer no que Deus tinha previsto para o futuro.¹⁰

Todo chamado se sustenta sobre uma visão e serve à visão. Jeremias é um profeta da palavra, já que é uma constante em seu ofício. Somente no primeiro capítulo é observado a importância da palavra quando Deus põe palavras em sua boca. Ao mesmo tempo, é a palavra do Senhor que irrompe em sua vida, despertando-o para além do âmbito de um ofício herdado, como o de seu pai, Hilquias. A palavra operou nele, projetando-o para fora das fronteiras do seu local de nascimento, onde por anos havia sido sacerdote e avalista da lei.

Embora o tema que nos ocupa enfatize o âmbito da visão em seu sentido profético, não avaliamos o objeto da visão de Jeremias, a não ser o princípio encontrado na mesma para fazê-lo aplicável a qualquer um e em qualquer situação.

Ver para Ver

Deus pergunta a Jeremias: “Que vês?” Ao que o profeta responde: “Uma vara de amendoeira”. É uma perspectiva rotineira do seu ambiente, própria da época e do lugar. Na terra de Israel, o comum é que a amendoeira seja habitual por ser uma árvore mediterrânea. Daí que ver uma vara de amendoeira não tem importância especial... para a perspectiva natural. Mas o que Deus está pretendendo é que o profeta coloque seu olhar em uma realidade mais profunda que a que seus olhos naturais estão captando. Deus quer que o profeta visualize algo que terá cumprimento seguro diante do olhar incrédulo e indolente de uma nação que deu as costas para Deus.

A razão pela qual Deus exige o olhar de Jeremias é a mesma que se requer de quem, chamado a desempenhar um trabalho profético, deverá estar atento aos acontecimentos ao redor. A percepção dos acontecimentos que nos rodeiam não é discernida por todos da mesma maneira. É necessário fazer uma leitura do cenário cotidiano a partir duma perspectiva profética. Sempre, por trás do aparente, esconde-se uma realidade espiritual, que deve ser assimilada na perspectiva divina e, portanto, visionária.

A pergunta de Deus ao profeta requer que se detenha e se realize um diagnóstico. Embora não seja complexo observar uma vara de amendoeira, haverá sim uma transcendência quando a questão foi observar o que Deus nos pede. É deter-se, contemplar e chegar à definição do que está ante nossos olhos. Isso levará ao diagnóstico que permitirá que nosso foco de vida adquira papel profético, não superficial e não levado pelas correntes dominantes. Sem diagnóstico, além de evidenciar incapacidade de ver, também haverá um vazio na mensagem e na tarefa.

Na perspectiva da visão de pregador, o profeta deve acertar com a mensagem. Para isso, deve ver o que realmente acontece e assim ser certo com a aplicação da palavra. A mensagem do pregador deverá ser sempre profética. Ou seja, sua mensagem responderá às necessidades das pessoas e, mormente, ao propósito de Deus quanto à realização dos seus planos.

Nesse ponto, é bem familiar fazer uso do termo *cosmovisão*, que nos posiciona no propósito do por que Deus quer que vejamos. Não saber entender o mundo que nos rodeia faz de nossa mensagem e ofício algo estéril e sem transcendência. Os púlpitos se transformarão em plataformas carregadas de oratória e baseada numa concepção meramente intelectual ou religiosa, que provocará nos receptores uma recepção frívola da Palavra, já que não traz a eles respostas à razão de ser e de existir diante de um mundo em crise.

“Cosmovisão é a maneira de ver e interpretar o mundo. Trata-se de um conjunto de crenças que permitem analisar a realidade a partir da própria existência. Pode-se falar da cosmovisão de uma pessoa, uma cultura, uma época, etc.”¹¹

Posicionar-se para ver é a demanda insistente de Deus e que se reitera de novo com este mesmo profeta: “Assim diz o SENHOR: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele; e achareis descanso para a vossa alma; mas eles dizem: Não andaremos” (Jr 6.16). O que se conclui, caso se preste atenção a essa mensagem, é que devemos nos posicionar para ver e perguntar, para não seguir numa inércia de estresse e autodestruição, que nos levará ao fracasso dos nossos empreendimentos enquanto seres humanos. Já advertiu sobre o estado do homem afastado de Deus. Cansados, oprimidos (Mt 11.28) e perdidos em meio a um monte de ações improdutivas que os levam a um contínuo círculo vicioso do ativismo carente de vida e propósito. De modo que, logicamente, esse espiral de vida leva o ser humano a um despropósito atroz e a uma infelicidade absoluta por carecer de visão.

Concebendo a Visão

Um dos grandes desafios é conceber uma visão. Também é desafiante ouvir a voz de Deus para que possamos compreender o que Deus quer fazer; ou seja, adquirir uma visão. O que acontece muito frequentemente é que a visão não vem de forma automática, senão que normalmente demanda saber esperar e que se esteja posicionado em lugar adequado até ser alcançado pela revelação divina.

“Sobre a minha guarda estarei, e sobre a fortaleza me apresentarei, e vigiarei, para ver o que fala comigo e o que eu responderei, quando eu for arguido” (Hc 2.1). Com essas palavras, podemos ver que Habacuque é um reflexo vivo de quem teve que esperar a visão em meio a circunstâncias que o desafiavam em seu ofício profético. Sendo contemporâneos de Jeremias (o livro data de 600 a. C. aproximadamente), ele tinha que enfrentar situações semelhantes. A ideia fundamental do livro é a exaltação da justiça divina que castiga inexoravelmente os pecados e retribui os que permanecem fieis a Deus em meio às calamidades.

Contudo, o fastio se apodera das entranhas de Habacuque, mas ele toma a decisão correta. Coloca-se firmemente num lugar de fortaleza e assume seu papel de sentinela. Independentemente de esse posto ser literal ou figurativo (cf. 2 Sm 18.24; 2 Rs 9.17), o certo é que ele nos mostra as chaves para perceber quais são as atitudes adequadas diante da pressão quando o ambiente é hostil e parece que Deus está calado e nada faz em favor dos justos ou do seu povo.

O que o profeta realiza para enfrentar a crise pessoal e coletiva que está acontecendo é sentir-se livre para manifestar a Deus seu estado pessoal, expressando sua queixa. A queixa, ainda que deixe margem para entrever arrogância, trata-se, nesse caso, de algo necessário fazer ante a impotência de ver o estado de sua nação. Vê uma patente necessidade de determinação de buscar em Deus uma resposta que, ao mesmo tempo, leve uma necessidade de abrir-se a Deus para que sua visão seja esclarecida e suas perspectivas se ajustem diante do momento que atravessa.

Na realidade, trata-se de um retiro a um espaço mais alto, em um lugar, uma atalaia, que lhe permita uma contemplação sem

distorção do horizonte. Certamente, tratava-se de um lugar habitual onde Habacuque se refugiava para ver ou escutar o que Deus tinha a dizer.

Habacuque se determinou a se posicionar na atitude adequada. Ele não abandona o exercício de sua responsabilidade. Decide se firmar, se confirmar em sua condição de profeta apesar de carecer de perspectiva sobre o que está acontecendo. Determina-se a esperar a visão e não se precipita à ação para evitar cair na presunção ou desespero, dependendo do caso. Provavelmente, diante dos momentos de opressão, o mais complexo é saber esperar. Não obstante, não saber esperar levará a atitudes reacionárias que podem supor duas coisas: abandonar o ofício ou fazer uso inadequado do exercício profético.

O profeta se determina a abandonar a crise consciente de que Deus tem a resposta e, portanto, não abandona a esperança de que Deus se revele. “Vigiarei, para ver o que fala” (2.1). *Vigiarei para ver* significa *olharei*.¹² É uma perspectiva evidente de que, apesar de sua queixa, não perdeu a confiança de que Deus tem uma palavra que lhe trará a visão esperada. Apesar de os sentidos mostrarem a ele o que está ao redor, Habacuque não perde a fé e a esperança em Deus. É significativa a ênfase que se percebe quando se observa a referência a “ver o que me falará”. A esse respeito, o mais razoável é que o que seja dito se escute, e não que se veja. Mas novamente estamos diante de uma evidência de que a Palavra produz visão.

Ou seja, o que Deus dirá se converterá para o profeta numa visão que lhe permitirá não somente conceber uma cosmovisão de acordo com as circunstâncias, mas também lhe dará as chaves para abordar seu trabalho profético focado no presente e estabelecendo bases para o futuro.

Escrevendo a Visão

“Escreve a visão e torna-a bem legível sobre tábuas, para que a possa ler o que correndo passa” (Hc 2.2). O profeta recebe de Deus a ordem para escrever a visão em tábuas. Não deve ficar somente no âmbito pessoal do profeta. Todos devem estar atentos ao que Deus declarou e ler com facilidade, ou melhor, segundo alguns estudiosos do original, para que possa correr pelas suas vidas os que entenderem a visão escrita. De qualquer modo, a ênfase está na necessidade de que a visão seja estampada como referência fundamental à projeção do ofício do profeta e o destino do povo.

O princípio de declarar a visão é um dos elementos fundamentais que todo líder deve levar em conta. Ao escrever uma visão, exerce-se a vontade de implementar o que se recebeu, e isso se tornará em um sonho que é compartilhado com todo o que lê.

“A quinta chave para poder entender a visão é perceber que ela é tanto pessoal quanto corporativa; a visão pessoal sempre se encontrará dentro de uma visão corporativa maior. O método de Deus não é dar a visão a todo o grupo. Ele dá a visão ao indivíduo, que compartilha a visão com o grupo, transferindo-lhes a visão. Os membros do grupo vão, então, correr com a mesma visão devido ao fato de que eles percebem que tal visão tem lugar em suas vidas e que permite que também suas visões pessoais se realizem”.¹³

O Inverno da Visão

Um dos momentos mais críticos para todos os visionários é quando o que se crê demora. É quando as promessas parecem não chegar ao cumprimento desejado e os tempos se tornam intermináveis. Saber esperar o tempo do cumprimento é uma virtude que deve estar bem ancorada naqueles que, com esperança, aguardam o prometido. O mais complexo não é o fato de Deus falar e nos permitir ver um futuro de esperança. O mais desafiante é o lapso de tempo em que temos de esperar entre a declaração da visão e o seu cumprimento. O tempo entre a palavra e o cumprimento é o processo que atravessa a promessa e que podemos chamar de inverno da visão.

Deus prevê o inverno da visão e declara: “Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará” (Hc 2.3).

Toda visão tem uma perspectiva presente e futura. A perspectiva presente tem a ver com a resposta que provoca uma compreensão das circunstâncias ou conflito presente, sem que isso signifique necessariamente cumprimento iminente de promessas ou resolução de conflitos.

Por outro lado, a perspectiva futura aponta para o cumprimento. De forma que podemos concluir que a visão tem um ponto de partida desde o momento em que é revelada e uma projeção de futuro que não será interrompida, já que será levada até o fim, querendo Deus dar a entender que não será obstaculizada. Pelo que deve ser esperada em plena garantia de que terá cumprimento.

Por outro lado, o verbo em “não enganará” se refere aos rios que tendem a secar no verão, pelo que, ao dizer “não enganará”, está querendo expressar a ideia de que, embora não vejamos as correntes de água fluírem, devemos acreditar que estão fluindo no subterrâneo para emergir ao destino para o qual nasceram.¹⁴

Voltando à visão do profeta Jeremias, lembremos que Deus está mostrando a ele uma vara de amendoeira. Essa vara tem grande alcance por causa do seu significado. Em hebraico, a palavra amendoeira é *saqé*, da mesma raiz do termo velar.¹⁵ Deus está mostrando

a Jeremias uma amendoeira, que é a primeira árvore a mostrar sua flor mesmo sendo ainda inverno. Por isso, ela é a vigilante, a que dá as boas-vindas à primavera. Quando tudo parece estar dormindo, Deus está vigilante, pronto para cumprir sua Palavra.

O inverno é uma época do ano que representa uma aparente crise por parecer que tudo está estancado, dormindo. Entretanto, atendendo às leis da natureza, o inverno se faz necessário por ser parte do processo da vida. O inverno representa a crise da visão, quando parece que o prometido não se cumpre e a árvore parece que perdeu seu vigor. Entretanto, exatamente neste tempo, faz-se necessário não abandonar a esperança diante do cumprimento das promessas de Deus que formaram a visão esperada.

Na verdade, alguns cometem o erro de cortar a árvore no inverno, diante do que parece ser a morte de um sonho, de um ministério ou de um determinado projeto. Isso certamente representa o que, em muitas ocasiões, costuma se tornar a mutilação de ministérios que atravessam momentos de dificuldades por confundir o inverno com a morte. Assim, Deus diz que velará para que chegue a primavera, que a árvore vigilante florescerá e, para o profeta, Ele diz que o cumprimento da visão acontecerá.

Não devemos esquecer que, durante o inverno, a natureza, em sua sabedoria, faz com que a seiva das árvores se concentre nas raízes. Dessa forma, a árvore se apropria de todos os nutrientes do interior da terra quando o mundo exterior parece sucumbir diante da intempérie ou da hostilidade da crise invernal. Durante esse período, as raízes trabalham, o tronco parece estar seco. Todavia, é preciso não perder de vista a perspectiva divina que nos garante que a visão não engana; ou seja, que, embora passe por momentos de sequeidão ou improdutividade, não significa que esteja morta. Por isso, nunca se deve cortar a árvore no inverno ou amaldiçoá-la, já que isso significaria renunciar à visão. Na verdade, renunciar as promessas por não vê-las cumpridas pode significar abandonar o lugar onde a árvore está plantada, o propósito da árvore e, definitivamente, a visão.

Durante o inverno, a árvore não está perecendo, e sim se

renovando, se revitalizando, se preparando para o avivamento da primavera. As raízes estão fazendo seu trabalho, alimentando a árvore e cumprindo o ciclo da vida, fornecendo a seiva necessária para que, depois do inverno, surja o fruto totalmente renovado e cheio de potencial. É exatamente o que acontece com os ministérios e com todos os que confiam em Deus. É certo que o inverno não é bem-vindo no exercício de um trabalho encomendado e, em ocasiões, parece que a visão é uma miragem. Contudo, é, sem dúvida, parte do crescimento e amadurecimento de cada crente ou ministro. Nessa linha de pensamento, podemos observar uma lição bonita através do escrito do apóstolo Paulo, quando compartilha um ensino perfeitamente aplicável ao aqui tratado: “E, se as primícias são santas, também a massa o é; se a raiz é santa, também os ramos o são” (Rm 11.16).

Também, durante o tempo do inverno, há tendências reacionárias próprias de quem perdeu de vista a visão encomendada por Deus. Uma delas é se lançar contra a árvore e menosprezar a visão. Isso é o que muitos faziam nos tempos do profeta Ezequiel:

“Filho do homem, que ditado é este que vós tendes na terra de Israel, dizendo: Prolongar-se-ão os dias, e perecerá toda a visão? Portanto, dize-lhes: Assim diz o Senhor Jeová: Não será mais retardada nenhuma das minhas palavras, e a palavra que falei se cumprirá, diz o Senhor Jeová” (Ez 12.22,28).

É o mesmo canto do incrédulo. São os refrões ou expressões que usam quando, ao não verem o cumprimento, amaldiçoam e menosprezam a visão profética que Deus declarou para o seu povo. É provável que muitos já estejam acostumados a este concerto patético de frases repetitivas, tais como: “este lugar é um cemitério de missionários, pastores e evangelistas”, “este país é muito duro, não acontece nada”.

Outra tendência que costuma acontecer no inverno da visão é recorrer aos aceleradores artificiais que fogem da travessia normal do inverno ou a inatividade. É muito comum à nossa sociedade eclesial atual construir estufas para oferecer crescimento artificial à

igreja ou aos sonhos. As estufas servem para evitar o processo natural e, mediante estruturas artificiais, tratam de reproduzir crescimento e multiplicação, o que resultará em frutos talvez aparentes, porém pouco resistentes aos processos normais da vida. É claro que o anteriormente mencionado aponta para os aceleradores de crescimento que, em muitas ocasiões, aplicam-se à igreja e nos mostram atalhos àquelas coisas que precisamos experimentar para dar fruto com autenticidade e maturidade; ou seja, o inverno. A motivação no uso desses aceleradores e estruturas artificiais está vinculada à febre do êxito e à busca da imitação dos estereótipos de prosperidade que acabam gerando tremenda desatenção à visão que Deus deu ou quer dar.

A Primavera da Visão

De volta à amendoeira, ela não deve temer o inverno. A amendoeira foi criada para viver em pedregais, em terras áridas onde outras plantas não resistiriam. O que Deus está dizendo ao profeta é que sua Palavra é a amendoeira que está sendo vigiada para que anuncie a chegada da primavera, a estação em que se poderá ouvir o canto das rolinhas: “Porque eis que passou o inverno: a chuva cessou e se foi. Aparecem as flores na terra, o tempo de cantar chega, e a voz da rola ouve-se em nossa terra” (Ct 2.11-12).

Ao lembrar a primavera, um dos aspectos mais importantes do tema tratado aqui é a advertência sobre a fidelidade à visão de Deus. Uma visão profética se sustenta por si mesma e é Deus quem se encarrega de velar pelo seu cumprimento. Um chamado divino sempre implica compromisso para não permitir que o cumprimento da visão corra riscos. Mesmo quando parecer que o tronco secou e que certos fatores acidentais ou intencionais vêm sobre os sonhos ou as promessas divinas, fazendo com que o tronco fique moribundo, o profeta não deve abandonar seu posto, que é o lugar onde o Espírito Santo visitará suas raízes para provocar a renovação esperada. “Porque há esperança para a árvore, que, se for cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus renovos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e morrer o seu tronco no pó, ao cheiro das águas, brotará e dará ramos como a planta” (Jó 14.7-9). É exatamente na primavera que a água descera a terra, e despertará a semente, e potencializará os fertilizantes.

A vara de amendoeira não somente representará a Palavra e o cumprimento da visão, como também representa o trabalho do profeta. Ele é vigilante, adiantado aos tempos e anunciador do que vem da parte de Deus. Antecipa-se e manifesta com sua expectativa e estilo de vida que o inverno passará e que o povo se disporá à colheita. A amendoeira, quando floresce, veste a paisagem inóspita com um verdadeiro recital de cores e vida. Cada flor dos seus ramos veste de festa e celebração o que será uma grande colheita.

A primavera fala de tempo de cumprimento. Esse mesmo pensamento podemos aplicar à terra que mantém escondida a semente

por tempo indeterminado, até que a chuva inunde a sequidão, e o deserto se transforme em campo fértil. “Porque o palácio será abandonado, o ruído da cidade cessará; Ofel e as torres da guarda servirão de cavernas eternamente, para alegria dos jumentos monteses e para pasto dos gados, até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto; então, o deserto se tornará em campo fértil, e o campo fértil será reputado por um bosque. E o juízo habitará no deserto, e a justiça morará no campo fértil. E o efeito da justiça será paz, e a operação da justiça, repouso e segurança, para sempre. E o meu povo habitará em morada de paz, e em moradas bem seguras, e em lugares quietos de descanso” (Is 32.14-18).

Da mesma maneira, o profeta Jeremias anuncia o cumprimento de sua palavra sobre a volta dos cativos da Babilônia: “Porque assim diz o SENHOR: Certamente que, passados setenta anos na Babilônia, vos visitarei e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, tornando a trazer a este lugar” (Jr 29.10). Exatamente essa palavra de Jeremias chega em oposição aos falsos profetas que pretendiam anunciar um exílio de dois anos (Jr 28.3,11), o que suporia um desgaste cruel e inútil. Não obstante, no inverno de 70 anos, Babilônia desempenharia um papel importante no concerto mundial e seria a terra onde Deus trataria com Israel.¹⁶ Portanto, o tempo no calendário divino devia transcorrer sem pular nenhuma fase para não frustrar o plano de uma visão que, embora pareça tardar, será cumprido.

¹ ATKINSON, David. *Comentario Antiguo Testamento Andamio, Génesis 1-11*. Barcelona, Publicaciones Andamio 1990, p. 28, 29.

² HODGE, Charles. *Teología Sistemática. Volumen Primero*. Terrassa, 1991, p.352, 353.

³ BARCLAY, C. William. *Comentario al Nuevo Testamento, Volumen III*, 1995, p. 73-75.

⁴ WENHAN, G.J. *Nuevo Comentario Bíblico Siglo Veintiuno*. Editorial Mundo Hispano, 2003. p. 1000-1001.

⁵ VINE, W.E. *Vine Diccionario Expositivo de Palabras del Antiguo y Nuevo Testamento*. Nashville: Editorial Caribe, 1990. p. 845, 846.

⁶ LUTERO, Martín. *Comentarios de Martín Lutero; Carta de Apóstol Pablo a los Romanos*. Terrassa: Editorial Clie, 1998 p. 348, 349.

- ⁷ LUTERO, Martín. *Comentarios de Martín Lutero; Carta de Apóstol Pablo a los Romanos*. Terrassa: Editorial Clie, 1998 p. 348, 349.
- ⁸ HARPER, A.F., *Comentario Bíblico Beacon*, Tomo X. Kansas City: Editorial Casa Nazarena de Publicaciones, 1967, p. 208-209.
- ⁹ HENRY, Matthew. *Comentario Bíblico de Matthew Henry*. Terrassa: Editorial Clie, 1999, p. 1827.
- ¹⁰ THOMSON, JA. *Jeremías, Introducción, Comentarios y Notas*. Buenos Aires: Editorial Nueva Creación, 1992, p. 92,93.
- ¹¹ <http://definicion.de/cosmovision/> (21 de maio de 2014).
- ¹² DUNNING, H. Ray. *Comentario Bíblico Beacon*, Tomo V. Kansas City: Editorial Casa Nazarena de Publicaciones, 1965, p. 272, 273.
- ¹³ MUNROE, Myles. *Los Principios y el Poder de la Visión*. [Os princípios e o poder da visão]. Nassau, Whitaker House, 2003, p. 64.
- ¹⁴ DUNNING, H.Ray. *Comentario Bíblico Beacon*, Tomo V. Kansas City: Editorial Casa Nazarena de Publicaciones, 1965 p. 273.
- ¹⁵ HIDNER, Derek. *Comentario Antiguo Testamento*. Barcelona: Editorial Andamio, p. 35.
- ¹⁶ HIDNER, Derek. *Comentario Antiguo Testamento*. Barcelona: Andamio. p.118, 119.

SUBSTITUTOS DA VISÃO



Um dos grandes perigos na vida do cristão se dá quando a visão profética se confunde com aspectos visionários não dirigidos pela influência do Espírito Santo. Isso pode dar lugar a projetos afastados da iniciativa divina, mesmo que se disfarcem de “Palavra de Deus”. Sobretudo, esse perigo se dá em quem, usando certo jargão, com grande facilidade atribui a Deus as iniciativas próprias, personalistas e, em muitas ocasiões, nocivas.

Podem-se ver alguns substitutos em muitas iniciativas pessoais ou ministeriais que surgem da falta de saber esperar em Deus. Sobretudo quando a pressão começa a se impor em momentos críticos e provoca o abandono do lugar de fortaleza. “Eis que a sua alma se incha, não é reta nele; mas o justo, pela sua fé, viverá. Tanto mais que, por ser dado ao vinho, é desleal; um homem soberbo, que não se contém” (Hc 2.4-5).

A Ambição

O dicionário Houaiss define ambição como desejo de obter poder, riqueza ou fama. A ambição tem gume duplo. Por um lado, é necessária para o progresso, já que nos estimula ao desenvolvimento, às melhorias, ao crescimento e a não conformar-nos com a mediocridade. Assim sendo, essa parte da ambição é conveniente, já que é saudável para se avançar aos espaços novos de conquista. De fato, ser visionário traz consigo a necessidade de ser movido por certa ambição saudável, já que é também importante evitar tendências místicas por parte dos que se dedicam a esperar o cumprimento sem procurar o cumprimento das promessas, as quais se tornarão realidade por meio daqueles que creram (2 Co 1.20).

O aspecto negativo da ambição se vê quando não se põe limites e o desejo é tão intenso que se converte numa paixão desenfreada. Esta nos leva a violar normas éticas e legais em busca da realização do que se propõe, sem medir as consequências que possam ocasionar a nossa própria vida, da nossa família e dos que convivem conosco.

O certo é que, quando a ambição substitui a visão, o respaldo de Deus não continua porque o Espírito se constrange por não poder

conviver com manipulação, sedução, cobiça e desenfreno.

Estamos programados para pensar em termos de promoção, publicidade, imagem pública e apelação. São coisas que comercializam o ministério e usam muitas técnicas de espetáculo. Ou, para usar as palavras de Paulo: andando com astúcia, [...] adulterando a Palavra de Deus, [...] pregamos a nós mesmos [...]. Permitam-me adverti-los do perigo da *ambição egoísta*. Silenciosamente e de maneiras sutis, você pode manipular a outros para que o notem, para que se impressionem com você. O narcótico barato da ambição pode amortecer a dor da consciência interna, mas você pode subir na crista da fama de colheita própria só por um momento. Ao final, ali, morde como a serpente. Vêm a calhar as palavras de Salomão: “Porque os caminhos do homem estão perante os olhos do SENHOR, e ele aplanar todas as suas carreiras. Quanto ao ímpio, as suas iniquidades o prenderão, e, com as cordas do seu pecado, será detido” (Pv 5.21-22).

A Ilusão

Definição do Houaiss:

1. Erro de percepção ou de entendimento; engano dos sentidos ou da mente; interpretação errônea
 - 1.1. confusão de aparência com realidade
 - 1.2. confusão de falso com verdadeiro
2. Efeito artístico produzido pelo ilusionismo
3. Manobra astuciosa para enganar, iludir; logro, mentira
4. Fantasia da imaginação; devaneio, sonho, quimera
5. Promessa de prazer, felicidade, durabilidade, etc. que se revela decepcionante, dolorosa ou efêmera; esperança vã; decepção, desilusão.

Ao definir ilusão, podemos acrescentar algo mais, embora o que mais nos interessa aqui é o que aparece no primeiro ponto da definição. Em outras palavras, poderíamos definir ilusão como uma imagem sugerida pelos sentidos, mas que não corresponde à realidade. Ou também como esperança sem fundamento. (definição da *Nueva Enciclopedia Larousse*)

Entretanto, se nos aproximamos mais aos sinônimos, falaríamos de miragem, fantasia, delírio, ficção, imaginação, quimera, utopia.

Em relação à visão profética, a ilusão é parte do que pode contribuir a uma maior confusão sobre a diferença que pode existir entre revelação e imaginação. A revelação gera visão, mas a imaginação gera ilusão. Ainda mais perigoso é quando a ilusão é gerada por espíritos enganadores que se infiltram no âmbito da fé das pessoas, causando muitos estragos às pessoas, famílias e comunidades.

Encontramos um exemplo eloquente do que a ilusão pode produzir em Isaías 29.8. O exército da Assíria que sonhou com uma grande conquista, mas que acabou sendo uma ilusão vã: “Será também como o faminto que sonha que está comendo, mas, acordando, sente a sua alma vazia; ou como o sequioso que sonha que está bebendo, mas, acordando, eis que ainda desfalecido se acha, e a sua alma, com sede; assim será toda a multidão das nações que

pelejem contra o monte Sião”. Embora o exemplo trate de um povo inimigo das hostes do Senhor, não restam dúvidas de que seja perfeitamente aplicável aos crentes. Alimentar esperanças vãs pode acabar supondo verdadeiras torturas emocionais, podendo levar ao desespero, expresso no texto bíblico pela possibilidade de se acabar desfalecido e sedento.

Quando buscamos as causas que promovem as ilusões na vida de alguns crentes, verificamos que são várias. Podemos falar da que é fruto da ambição pessoal. Conforme assinalamos no capítulo anterior, pode ser devido à falta de comunicação mais estreita com o Senhor, que permitisse um discernimento mais adequado. A ilusão também pode estar ligada à falta de sujeição à direção profética de um pastor ou de uma autoridade espiritual responsável.

Sobre o último ponto, em certas ocasiões, há certa resistência de quem vive sob a influência de certa ilusão, pensando que um determinado conselho pode ameaçar a conquista do sonho. Não obstante, será ao contrário à luz do que emana dos conselhos da Palavra: “Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis” (2 Cr 20.20). Lamentavelmente, esse texto tem sido usado de forma equivocada por pessoas que se apresentam como portadores da unção profética que acabam se afastando da verdade. De fato, esse texto é perfeitamente aplicável aos pastores das congregações e ministros que, sem ser elevados a esferas de popularidade, exercem, sim, um trabalho profético excelente através do aconselhamento, pastoreio e pregações.

Como adição às causas já mencionadas e ao fio do que foi dito anteriormente, precisamos mencionar os que são indutores de engano ou falsa profecia, seja por seguirem suas próprias ilusões, seja por estarem sob influência de espíritos enganadores (Dt 13.1-5; Jr 23.25-33).

Diante desse tipo de personagens, Deus é implacável no trato com eles, pois representam um verdadeiro perigo, visto que a consequência poderá ser o desvio ao engano. Eles também levam à negação da vontade de Deus, que acabará destruindo suas vidas, de suas famílias e de suas nações.

Jesus advertiu sobre o perigo dos últimos dias, dizendo: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos” (Mt 24.24).

Essa advertência de Jesus implica na ideia do grande poder ilusionista que têm os falsos profetas que se levantarão nos últimos tempos. Provavelmente, parte do seu poder de iludir se deve a esses falsos ungidos profetas não serem estranhos aos irmãos, mas ao contrário.

“Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos; por onde conhecemos que é já a última hora. Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós. E vós tendes a unção do Santo e sabeis tudo. Não vos escrevi porque não soubésseis a verdade, mas porque a sabeis, e porque nenhuma mentira vem da verdade” (1 Jo 2.18-21).

O apóstolo Paulo também é bem explícito ao assinalar a influência dos enganadores na vida dos crentes até ao ponto da apostasia. O que quer dizer que a “unção ilusionista” aumentará à medida que se aproxime o tempo final. A Palavra de Deus nos adverte acerca do forte nível de atividade espiritual dos tempos finais, até ao ponto em que a própria doutrina será manipulada pelos próprios demônios. Sem dúvida, Satanás se apresenta como um verdadeiro ilusionista, encantador de almas ingênuas e iludidas. “Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios” (1 Tm 4.1; cf. 2 Ts 2.11; 1 Tm 1.4; Ez 24.9; Dt 13.13).



A Fonte da Visão

Há dois textos em Jeremias que são suficientemente eloquentes para fazer notar a fonte que se tornou fatal para Israel. Foi grave a atitude do povo, que inclusive superou a maldade dos pais que pereceram no deserto e foram após deuses alheios. Jeremias denunciara uma conspiração que provoca ruptura e rebelião contra Deus e seu pacto. Trata-se de uma geração que continua no rastro dos desígnios do seu coração malvado em vez de escutar a voz de Deus. ¹ “Mas não ouviram, nem inclinaram os ouvidos; antes, andaram cada um conforme o propósito do seu coração malvado; pelo que trouxe sobre eles todas as palavras deste concerto que lhes mandei que cumprissem, mas não cumpriram” (Jr 11.8); “e vós fizestes pior do que vossos pais; porque, eis que cada um de vós anda após o propósito do seu malvado coração para me não dar ouvidos a mim” (Jr 16.12).

Jeremias é o profeta que mais presta atenção à tendência visio-nária do coração. Ele identifica o coração como a fonte mais perversa que pode existir para desviar o homem da visão de Deus. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isso para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações” (Jr 17.9).

Fazer contraponto a essa tendência natural do homem de ir em busca dos desígnios do seu coração só é possível quando recorremos à fonte da revelação: o segredo de Deus.

“Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam; ensinam-vos vaidades e falam da visão do seu coração, não da boca do SENHOR. Dizem continuamente aos que me desprezam: O SENHOR disse: Paz tereis; e a qualquer que anda segundo o propósito do seu coração, dizem: Não virá mal sobre vós. Porque quem esteve no conselho do SENHOR, e viu, e ouviu a sua palavra? Quem esteve atento à sua palavra e a ouviu?” (Jr 23.16-18).

Buscar o segredo de Deus é buscar o lugar mais íntimo nEle, é o

lugar da revelação. “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará” (Mt 6.6).

Não resta dúvida de que a fonte da visão profética é a comunhão diária com o Senhor. Diante disso, é fácil encontrar a origem da crise, que está baseada na desobediência a Deus e, portanto, gera injustiça e perversão. “Mas, se tu de madrugada buscares a Deus e ao Todo-poderoso pedires misericórdia, se fores puro e reto, certamente, logo despertará por ti e restaurará a morada da tua justiça. O teu princípio, na verdade, terá sido pequeno, mas o teu último estado crescerá em extremo” (Jó 8.5-7). Em resumo, o texto de Jó sugere que busquemos a Deus de madrugada. Trata-se de estabelecer enfoque e prioridade. Por outro lado, é necessário não somente conhecer a fonte, também é necessário integridade: puro e reto (conduta justa). Pelo que, diante dessa determinação, Deus promete um despertar de sua glória.

Focalizando a Visão

É interessante observar as diversas traduções de Provérbios 29.18:

- “Não havendo profecia, o povo perece; porém o que guarda a lei, esse é bem-aventurado” (ACRF).
- “Onde não há revelação divina, o povo se desvia; mas como é feliz quem obedece à lei” (NVI).
- “Um país sem a orientação de Deus é um país sem ordem. Quem guarda a lei de Deus é feliz” (NTLH).
- “Quando não há visão, o povo não tem freio; feliz aquele que observa a lei!” (B).

É importante que as diferentes traduções se refiram a *bazo* tanto com o sentido de profecia quanto de visão. No entanto, nesse caso se enfatiza a importância de que a profecia e a visão dirijam o povo por meio daqueles que vão trazê-las: sacerdotes, reis e profetas. O texto de Provérbios nos lembra o de Juízes 17.6: “Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada qual fazia o que parecia direito aos seus olhos” (Jz 17.6).

A razão disso é a desobediência aos preceitos sobre o rei: “Será também que, quando se assentar sobre o trono do seu reino, então, escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos sacerdotes levitas. E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida, para que aprenda a temer ao Senhor, seu Deus, para guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para fazê-los” (Dt 17.18-19). E sobre o profeta, Deus promete levantar quem trará profecia ao povo para que este seja guiado. “Eis que lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar. E será que qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu o requererei dele” (Dt 18.18-19).² Por conseguinte, é importante que quem dirige o povo lhe traga profecia e visão. Anteriormente, fizemos referência aos tempos do sacerdote Eli,

quando a visão escasseava (1 Sm 3.1), e a razão era o descuido do sacerdote das suas funções proféticas. Dedicavam-se mais aos seus interesses que aos do povo, pelo que faziam o povo pecar por sua visão funesta.

A visão profética permite traçar uma rota. “Determinando tu algum negócio, ser-te-á firme, e a luz brilhará em teus caminhos” (Jó 22.28). É necessário não cair na ação improvisada se desejamos que as promessas se cumpram. A visão permite estabelecer uma direção que provoca o contrário da improvisação: a previsão, que tem o sentido de ver antes que as coisas aconteçam. Dessa maneira, pode-se distinguir quem, dirigido por uma visão, vive estimulado fazendo as coisas acontecerem (proativo) e não cai na armadilha reacionária de quem não se antecipa aos acontecimentos. Somente os visionários dirigidos pela ação profética conseguem atingir as metas.

Há três consequências diretas de se ser um visionário: (1) sabe indicar aonde ir; (2) é crível e pode ser seguido; (3) é influente em suas decisões. Portanto, essas qualidades farão do visionário alguém que marcará a história. Consequência direta do que se disse é que, ao saber comunicar a visão, ser crível e influente, provocará um efeito catalisador naqueles que estão sob sua liderança para alcançar a manifestação do poder de uma visão com alcance profético. O resultado será que a visão se converterá na energia por trás de cada esforço e na mola que projetará por cima dos problemas a quem abraça a visão. Que isso provoque um entusiasmo contagioso; promova uma unidade que permita sacrifícios das intenções pessoais ou projetos particulares, para fazer prevalecer a visão corporativa e o alcance dos sonhos da comunidade. Ao contrário do impulso de uma visão profética, quando esta não rege os destinos da comunidade, será aberto um vazio de liderança que abrirá caminho aos personalismos. Produzir-se-á falta de compromisso e, consequentemente, as pessoas acabarão por focar-se em superficialidades e trivialidades. Os problemas serão superdimensionados e se tornarão gigantes implacáveis.

Definitivamente, somos chamados a olhar bem o que ouvimos

(Mc 4.24) para não perdermos de vista o foco. Paulo manifesta uma chamada de atenção nos momentos difíceis diante dos quais é necessário saber onde pôr a atenção e não distrair-se: “Não atendo nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2 Co 4.18).

Justamente, uma das passagens que mostram um claro exemplo de uma comunidade que perdeu o foco como consequência de ter perdido a visão profética é Laodiceia. O apóstolo Paulo já havia mostrado uma séria preocupação com o estado dos crentes na cidade (Cl 2.21; 4.16). Era deplorável o estado dessa igreja por causa do seu orgulho e irrelevância do seu testemunho. Laodiceia se convertera numa comunidade diluída na opulência e riqueza da cidade. Suas obras foram observadas pelo Senhor como repugnantes por causa do desvio na sua razão de ser como igreja em relação à fidelidade e à verdade. Por causa disso, o Senhor não deu uma só palavra de aprovação ao seu proceder, embora seja evidente o amor que dispense a essa igreja carente de perspectiva por causa de estar absolutamente perdida na cegueira. Sua visão, na verdade, era uma total ambição de associar-se e ser parte do destino da opulenta e próspera cidade de Laodiceia, pelo que havia dado as costas à sua condição como sal e luz.

“E ao anjo da igreja que está em Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus. Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente. Tomara que foras frio ou quente! Assim, porque és morno e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta (e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu), aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças, e vestes brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que veja” (Ap 3.14-18).

É interessante observar o significado do nome dessa igreja.

Laodiceia vem de duas palavras gregas, que são *Laos* (“povos ou multidão”) e *dike* (“direito”), o que remete a “direitos dos povos”,³ ou seja, ao humanismo. Por outro lado, essa cidade era conhecida por seus tecidos e seu comércio.

Não obstante, algo interessante e que fortalece o ponto que queremos tratar é a referência à indústria farmacêutica da cidade.⁴ Tratava-se da comercialização dos apreciados pós frígios, que consistiam num remédio que curava a infecção dos olhos provocada pelo empoeirado e infectado ambiente das cidades, e que se introduziam pelas glândulas lacrimais produzindo muitas doenças nos olhos até ao ponto de causar cegueira. Assim sendo, quando o Anjo do Senhor se dirige à igreja e indica a ela que use colírio para os olhos para que veja, o que o Senhor está fazendo é lembrar à igreja de Laodiceia que, apesar de sua riqueza e posição privilegiada, ela havia perdido a visão. Portanto, ela teria de aplicar o colírio indispensável para voltar a ver e observar a verdadeira condição em que está: “desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu”.

Não deixa de ser eloquente a referência no Apocalipse à igreja em Laodiceia. Perfeitamente, pode estar representando um setor importante da igreja que, nos tempos atuais, está influenciada pelos “direitos dos povos”. Como foi dito anteriormente, por um humanismo que pode estar tirando do foco a igreja do século XXI, provocando que esta perca sua visão profética e, por conseguinte, seu lugar de influência no mundo. Não em vão, a mensagem à igreja em Laodiceia acaba apelando ao sentido capaz de fazer recuperar a visão profética: “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas”.

¹ HENRY, Mathew. *Comentario Bíblico de Matthew Henry*. Terrassa: Editorial CLIE, 1999, p. 833

² SHÖKEL, Alonso. *Proverbios*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984. p. 503, 504.

³ <http://etimologias.dechile.net/?Laodicea> (22 de maio de 2014).

⁴ ESCUAIN, Vila, *Nuevo Diccionario Bíblico Ilustrado* [Novo Dicionário Bíblico Ilustrado]. Terrassa: EditorialClie. 1985, p. 659.

CONCLUSÃO

Neste escrito, proponho uma assimilação do conceito de visão como uma vivência que todos podem experimentar. Naturalizar a experiência visionária e profética é uma necessidade claramente exposta e própria da identidade de cada crente que se preocupa em manter uma relação íntima e cotidiana com o Senhor. Por isso, para entender a visão como parte constituinte de cada crente, faz-se necessário: recorrer a uma análise retrospectiva da experiência profética e visionária nas Escrituras; expor com clareza o conceito de visão e sua relação com a mensagem divina; pensar sobre a aplicação da visão no desenvolvimento da vida das pessoas; discernir entre visão e experiências visionárias afastadas da fonte da revelação divina; e, por último, reivindicou-se a necessidade de recuperar a visão como parte fundamental da missão da Igreja, para não perder de vista o foco da sua razão de ser na terra.

O resumo do que se tentou definir como visão poderia muito bem ficar dentro da definição de George Barna, embora sua ênfase esteja dirigida ao âmbito ministerial:

“A visão para o ministério é uma imagem mental clara de um futuro melhor, dada por Deus aos seus servos escolhidos, sendo fundamentada numa compreensão precisa de Deus, de si mesmo e das circunstâncias”.¹

Em nossa exposição, fica clara a necessidade de que surja uma liderança influente e significativa em contraste com a avalanche de “visionários” que fazem das necessidades das pessoas uma verdadeira fonte de riqueza, sem nenhum escrúpulo. Esse tipo de influência está se infiltrando na intimidade das pessoas através dos meios audiovisuais, redes sociais e eventos baseados no colocar em cena uma parafernália sensacionalista e exibicionista por parte do curandeiro, do profeta ou do ungido de plantão. Não obstante, é preciso não cair no erro que muitos crentes genuínos, servos de Deus, e igreja, têm caído ao reagir radicalmente contra essa influência,

optando por duas atitudes equivocadas: fechar-se à visão profética e cair na crítica exagerada.

Devemos velar e reivindicar que aqueles que têm responsabilidade de comunicar a mensagem do Evangelho sejam uma voz profética que ilumine o coração das pessoas ou que seus olhos sejam abertos para crer. Devemos estar dispostos a interpretar e expor a Palavra de Deus sem manipulação e sem fazer uso da astúcia humana para buscar efeitos escusos. Nem a interpretação das Escrituras nem a exposição da mensagem devem ser ações à margem da inspiração do Espírito Santo, pois “nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação; porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.20-21). Não podemos ignorar que as fortalezas espirituais existentes nos ares e que, ao mesmo tempo, operam nas mentes das pessoas com falsas ideias não se dobram ao poder da oratória ou da criatividade humana.² Pelo contrário, como portadores da luz-visão, membros da Igreja como comunidade profética e visionária por excelência, a primeira coisa é saber responder à pergunta que Deus está fazendo: “O que vês?” para poder fazer o diagnóstico certo com relação à realidade que nos circunda ou na qual vivemos. Em segundo lugar, devemos inclinar nossos ouvidos para “ver o que Deus dirá” como resposta ao que as pessoas e nós mesmos precisamos ver e ouvir da parte de Deus; e, em terceiro lugar, abraçar o povo com a mensagem profética capaz de gerar fé naqueles que, ouvindo, possam abrir seus olhos.

Precisamos de uma revelação de Deus para experimentar uma mudança de perspectiva com relação ao lugar onde fomos colocados. Isso só poderá acontecer quando a terra que ocupamos se converter em casa de Deus e porta do céu. “Acordando, pois, Jacó do seu sono, disse: Na verdade o SENHOR está neste lugar; e eu não o sabia” (Gn 28.16).

“Qual Jacó, uma só noite que passemos na presença de Deus... pode mudar nossas vidas para sempre, mais que muitos anos

de aprendizado e esforço pessoal... Quantos de nós já vimos nossos bairros ou a cidade em que vivemos como nada mais que um deserto árido ou um lugar seco e rochoso, tão pouco atrativo...? Com muita frequência, maldizemos o lugar da nossa missão, porque não podemos vê-lo através dos olhos de Deus. Todos nós, sejamos líderes ou não, precisamos alcançar a perspectiva de Deus. Quando fizermos isso, toda nossa concepção, atitude e perspectiva mudarão”.³

Finalmente, cabe um chamado a voltarmos à fonte da revelação divina. Deus está com uma clara intenção de continuar fazendo-se ouvir para dar-se a conhecer e dar a conhecer seu plano para a humanidade e para nossas vidas em particular. O mundo estressado no qual estamos envolvidos nos rouba tempo de quietude, e a intensa demanda para sermos produtivos nos faz muita pressão. Não saber esperar em Deus e viver sob a pressão do ativismo para ser competitivo nos afastará da intimidade necessária para perceber a visão de Deus que emana do seu segredo. É necessário que nos retiremos com Deus para que os ruidosos decibéis do mundo e suas motivações não nos impeçam de ver a verdadeira realidade de nós mesmos e do mundo que nos rodeia, com a finalidade de obter em sua presença a visão estratégica que nos permite ser adequados à nossa missão na vida. Resumindo, a busca do Senhor em oração é a verdadeira fonte. “Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará” (Mt 6.6). Da mesma forma, buscar a Deus e expressar-lhe nosso clamor diante de certos momentos de angústia e de extrema necessidade não ficará sem resposta: Deus permite responder e revelar-nos seus segredos, os mais escondidos à nossa imaginação e criatividade, bem como os mais distantes das nossas possibilidades humanas: “Clama a mim, e responder-te-ei e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes” (Jr 33.3).

³ BARNA, George. *El Poder de La Visión* [O poder da visão]. Deerfield, Editorial Vida, 1992, p. 22.

2 “Antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus” (2 Co 4.2-4).

3 GOLL, Jim W. *El Vidente*, Buenos Aires, Editoriales Peniel, 2004, págs 184-186.

REFERÊNCIAS



- ATKINSON, David. *Comentario Antiguo Testamento Andamio, Genesis 1-11*. Barcelona: Publicaciones Andamio, 1990.
- BARCLAY, C. William. *Comentario al Nuevo Testamento, Volumen III*, 1995.
- BARNA, George. *El Poder de la Vision*, Deerfield: Editorial Vida, 1992.
- DOUGLAS, J.D. *Nuevo Diccionario Biblico*, Quito: Ediciones Certeza.
- DUNNING, H.Ray. *Comentario Bíblico Beacon, Tomo V*. Kansas City: Editorial Casa Nazarena de Publicaciones, 1965.
- ENCICLOPEDIA DE LA BIBLIA. Barcelona: Ediciones Garriga, S.A., 1963.
- ESCUAIN, Vila, *Nuevo Diccionario Bíblico Ilustrado*. Terrassa: Editorial Clie. 1985.
- GOLL, Jim W., *El Vidente*, Buenos Aires: Editorial Peniel, 2004.
- HARPER, A.F., *Comentario Bíblico Beacon, Tomo X*. Kansas City: Editorial Casa Nazarena de Publicaciones, 1967.
- HENDRIKSEN, Guillermo. *Comentario del Nuevo Testamento*. Grand Rapids: Edición Literatura Cristiana, 1990.
- HENRY, Matthew. *Comentario Bíblico de Matthew Henry*. Terrassa: Editorial Clie, 1999.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática. Volumen Primero*. Terrassa: Editorial Clie, 1991.
- KIDNER, Derek. *Comentario Antiguo Testamento*. Barcelona:

Editorial Andamio.

- LAROUSSE, Nueva Enciclopedia. *Tomo decimo*. Barcelona: Editorial Planeta.
- LUTERO, Martín. *Comentarios de Martin Lutero; Carta de Apostol Pablo a los Romanos*. Terrassa: Editorial Clie, 1998.
- MONROY, Juan Antonio. *Dios en Busca del Hombre*. Terrassa: Editorial Clie.
- MUNROE, Myles. *Los Principios y el Poder de la Visión*. New Kensington: Whitaker House.
- NUEVO DICCIONARIO BIBLICO. Barcelona: Editorial Cer-teza, 1991.
- NUEVA ENCICLOPEDIA LAROUSSE, *Tomo quinto*. Barcelona: Editorial Planeta, 1981.
- SCHMIDT, Werner H. *Introducción al Antiguo Testamento*, Salamanca: Ediciones Sígueme.
- SCHÖKEL, Luis A. *Proverbios*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.
- SICRE, José Luis. *Profetismo en Israel*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1992.
- THOMPSON, J. A. *Jeremías, Introducción, Comentarios y Notas*. Buenos Aires: Editorial Nueva Creación, 1992.
- VINE, W.E. *Diccionario Expositivo*. Editorial Caribe, 1999.
- WENHAN, G. J. *Nuevo Comentario Bíblico Siglo Veintiuno*. Editorial Mundo Hispano, 2003.
- WOOD, Leon J. *Los Profetas de Israel*, Michigan: Outreach Publications, 1979.